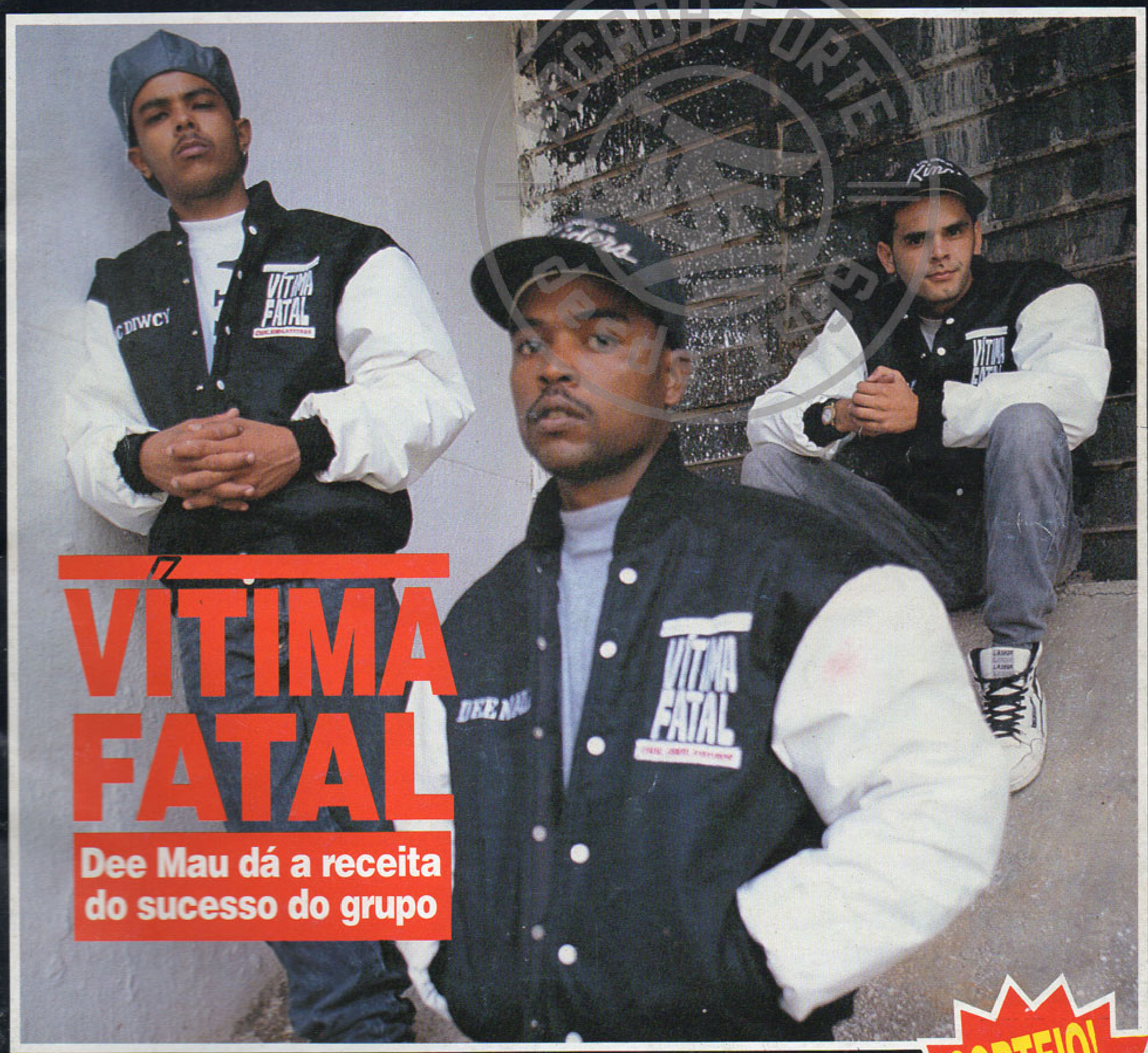
MÚSICA, POLÍTICA E OUTRAS ARTES

Pode crê!

Ano I - Agosto/Setembro 1993 - Nº 2

CR$ 200,00



O Yo! MTV Rap pode voltar do exílio a que foi condenado. Veja os detalhes desse projeto

Steve Biko foi um dos maiores líderes dos negros da África do Sul. Conheça um pouco de sua vida

As mulheres do rap foram à luta e já venceram muitas batalhas. Saiba porque elas cantam e encantam

SORTEIO!
Um MIXER novinho. Promoção Pode crê! e Truck's Discos. Recorte e envie o cupom!

BY DJ'S
BENÊ E LUIZ
FIVE SPECIAL
DISCOS
LASER'S
FELTROS
CAMISETAS
A LOJA CERTA
VENDEMOS NO ATACADO E VAREJO
PARA TODO O BRASIL
AS MAIS VENDIDAS BLACK
1 - Dr. DRE (THE DRE)
2 - NAUGHTY BY NATURE
(HIP HOP HOORAY)
3 - WEDE MAN (HOODY)
ACEITAMOS
CHEQUES
PRÉ E
CREDICARD
AS MAIS VENDIDAS DANCE
1 - DJ DERO (BATUCADA)
2 - ROBIN S (SHOW ME LOVE)
3 - CULTURE BEAT (Mr.VAIN)
FONE :(011) 221-0095
RUA 24 DE MAIO, 116 LOJAS 22 / 23 • RUA 24 DE MAIO, 62 SUBSOLO LOJA 49

Pode crê!

Pode crê! é uma publicação bimestral
do Programa de Direitos Humanos/
Projeto Rappers do Geledés
Instituto da Mulher Negra
Praça Carlos Gomes, 67
5º andar-Cj. M - CEP 01501-040
Fone: (011) 35-3869
Fax: 36-9901

Jornalista Responsável:
Flávio Carrança
MTb nº 12.724
Coordenadora do Programa de Direitos Humanos:
Sueli Carneiro
Coordenadora do Projeto Rappers:
Solimar Carneiro
Editor Chefe:
Flávio Carrança
Colaboradores:
Clodoaldo Affonso da Silva,
Dárcio Ribeiro de Andrade,
DJ Hum,
Ildslaine Mônica da Silva,
KL Jay,
Marcelo Igor de Freitas,
Marco Antonio da Silva,
Nilza Iraci Silva
Sérgio Moreira da Costa
e Tina Gonçalves Costa
Fotos:
Mário Espinosa
Direção de Arte:
Nelves
Desktop:
Letícia A. Alves e
Flávio Luís Victor Rocha
Digitação:
Stillo
Fotolito:
Efeito Artes Gráficas e Editora Ltda
Impressão:
Gráfica Editora Camargo Soares Ltda

Distribuição e Marketing:
Radical Fonográficos
R. Turiassú, 1053 - Perdizes - SP
Tel: (011) 262-6296

Tiragem desta edição:
7.000 exemplares.

BOCADA FORTE desde 1999

Editorial

O bárbaro assassinato dos meninos de rua da Candelária, realizado por policiais do Rio de Janeiro, chocou o país e o mundo. A chacina colocou na ordem do dia a discussão sobre o destino de nossas crianças e jovens. E nós da ***Pode crê!*** *não poderíamos deixar de nos manisfestar a respeito.*

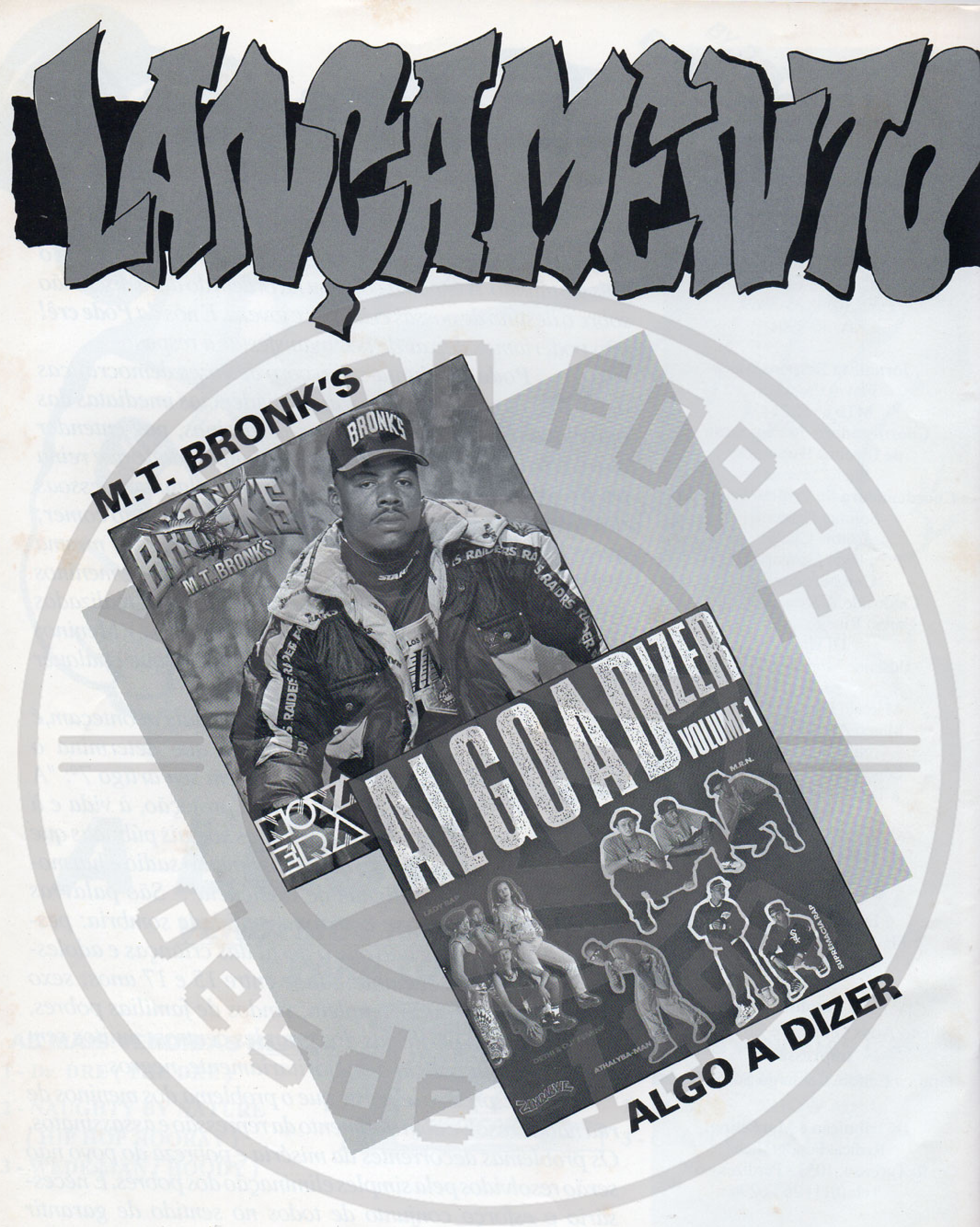
Pode crê! *junta-se ao coro de vozes democráticas deste país para protestar e pedir providências imediatas das autoridades para a punição dos assassinos, por entender que é preciso dar um basta à onda de impunidade que reina no Brasil. Impunidade que permite que algumas pessoas decidam quem deve ou não viver; quem deve ou não comer; quem pode ou não ser considerado cidadão. É essa mesma impunidade que permite que se decida pela morte de meninos que não tiveram a oportunidade de ver seus sonhos realizados (poderiam estar criando, aprendendo, ensinando...). Meninos que provavelmente tinham os mesmos sonhos que qualquer jovem brasileiro.*

Para que fatos como esse não mais aconteçam, é preciso que se torne realidade aquilo que determina o Estatuto da Criança e do Adolescente em seu artigo 7º: "A criança e o adolescente têm direito à proteção, à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência". São palavras bonitas que contrastam com uma realidade sombria: pesquisas têm demonstrado que o perfil das crianças e adolescentes mortos é o seguinte: idade entre 15 e 17 anos; sexo masculino; 1º grau incompleto; vindos de famílias pobres, moradoras nas periferias dos grandes centros; muitos sem passagem pela polícia e, majoritariamente, negros.

É preciso lembrar que o problema dos meninos de rua não se resolve com o aumento da repressão e assassinatos. Os problemas decorrentes da miséria e pobreza do povo não serão resolvidos pela simples eliminação dos pobres. É necessário o esforço conjunto de todos no sentido de garantir dignidade e respeito para todos os jovens brasileiros, particularmente os jovens negros, barbaramente discriminados.

A REDAÇÃO

LANÇAMENTO



RUA ESTEVÃO HELMADJIAN - 130

CEP : 02466-030 - S.P. - *TEL/FAX:(011) 267-9510*

ZIMBABWE RECORDS

Índice

6 **DJ HUM**
Conta como o rap chegou ao Brasil e fala dos primeiros hits.

10 **JABAQUARA BREAKERS**
Mostra que é muito mais que um grupo de danças

15 **MOLEQUE DE RUA**
O som da periferia corre o mundo

20 **YO! MTV RAP**
O programa de rap da MTV pode voltar com tudo

23 **STEVE BIKO**
Um resumo da vida do grande líder negro sul africano

28 **VÍTIMA FATAL**
O recado dos rappers nacionalistas

33 **MULHERES NO RAP**
A luta das fly girls por um espaço no Hip Hop

38 **WILLIAN ZIMBABWE**
O perfil de um empresário que acredita no rap

Sessões

9 Acontecendo
14 Raio X
37 Se Toque
41 KL Jay
42 Parada Pode crê!
43 Discos, Livros e Fitas
44 Ponto de Vista e Cartas
46 Classificados

BOCADA FORTE desde 1999

DJ HUM

Começo dos anos 80: chegava ao Brasil o " funk falado". Nos bailes, a moçada começava a curtir o "Melô do Tagarela", de Dee Light. Depois, veio Kurtis Blow, com The Breakers. Mas a primeira gravação nacional foi feita por quem? Tchan! Tchan! Tchan!

Anos 80... a música começava a sofrer uma transformação. Com o recurso da eletrônica, criou-se um novo estilo de composição. O que antes era feito com dois discos iguais usando-se *groove*, agora estava sendo feito com bateria eletrônica, teclado, *samplers*, *scratch* e às vezes um contrabaixo, guitarra e percussão (tudo acústico). Com a batida *funk*, geralmente sendo versão de alguma música famosa, o rap começava a disparar nas paradas de sucesso. Os primeiros sucessos apareceram na voz de Sugarhill Gang, com a música "Rappers Delight" (uma versão da música "Good Times" da banda Chic), um estouro! Toda a América cantou aquela novidade! Aquele jeito de se falar na música, o jeito de falar no ritmo, transmitindo uma mensagem de fácil compreensão e que as pessoas identificavam com seu dia-a-dia. Depois veio Kurtis Blow, que também lançou um *single*, "Christmas Rap", cujo tema era o Natal. Mas ele conseguiu emplacar o seu som em 1980, com as músicas "The Breakers" em que os temas eram os dançarinos de break e o Movimento Hip Hop, falando de suas vantagens e do sonho de ser um superastro. "Throughout Your Years" e "Rappin Blow part II", falavam sobre festas e temas do cotidiano. Esse disco foi totalmente gravado com instrumentos acústicos e contém poucos recursos de eletrônica. O mais interessante são os solos de *timbales* na música de break.

Esses artistas foram os responsáveis pela colocação do rap no mercado fonográfico. Antes deles outros já haviam gravado mas nenhum tinha atingido a mídia a ponto de alcançar vendas acima de 1 milhão de discos e prêmios como Disco de Ouro, entre outros.

Nessa época, no Brasil, o som da rapaziada era o *funk*. Grupos como Parliament, Funkadelic, Câmeo, Black Birds, Bootsy, War, Chocolate Milk, Gap Band, entre outras centenas, agitavam os bailes. As equipes de som detonavam os subúrbios tocando os mais variados *funks*.

A música negra no Brasil já vinha desde a década de 70 sendo sucesso de público com o *soul music*. O movimento que dominou essa época chamava-se *Black Power*. O cabelo era *black*, calças boca de sino, sapatos plataforma, coletes, jaquetas transadas com cores berrantes. O ídolo da massa era nada mais nada menos do que James Brown (como é até hoje). O sucesso da música negra no Brasil era devido aos bailes que as equipes de som promoviam. Frequentadores compravam os discos de seus artistas preferidos, pois as rádios não incluiam esse tipo de música em sua programação (a não ser que fosse estouro de vendagem). Porém, algumas rádios tocavam o *funk*, mas era aquele *funk* mais *soft*, que na época chamávamos de balanço.

Para nós, o *funk* mesmo era paulada, o peso do som. As batidas eram quebradas e não podia faltar o peso do baixo com a bateria. Lembro quando garoto que meus tios ouviam programas que tocavam *soul* e *funk*. Era nas rádios Difusora e Excelsior (AM). Acredito que eram os únicos do gênero. Com o sucesso crescente da música negra, em especial o *funk*, as gravadoras começaram a perceber que o pessoal do subúrbio era o consumidor fiel desse tipo de música. Começaram então a lançar várias coletâneas de *funk music*, e discos solos dos maiores do *funk*.

Foi nessa época que eu vi pela primeira vez um *funk* falado. Vocês podem perguntar: "*Funk* falado?" É isso mesmo! Quando o rapper Dee Light estourou no Brasil com a "Melô do Tagarela", toda a rapaziada que curtia os bailes, da zona norte a sul e da leste à oeste, comentava sobre o novo tipo de *funk*, no qual o cantor falava sem parar. A idéia de que um novo tipo de música estava invadindo o Brasil se confirmou quando estourou "The Breakers", de Kurtis Blow. Como toda a informação no Brasil demora para chegar (e até hoje é assim), não sabíamos que se tratava de um movimento cultural, no qual o canto era o rap, o tão comentado jeito de falar sobre a batida.

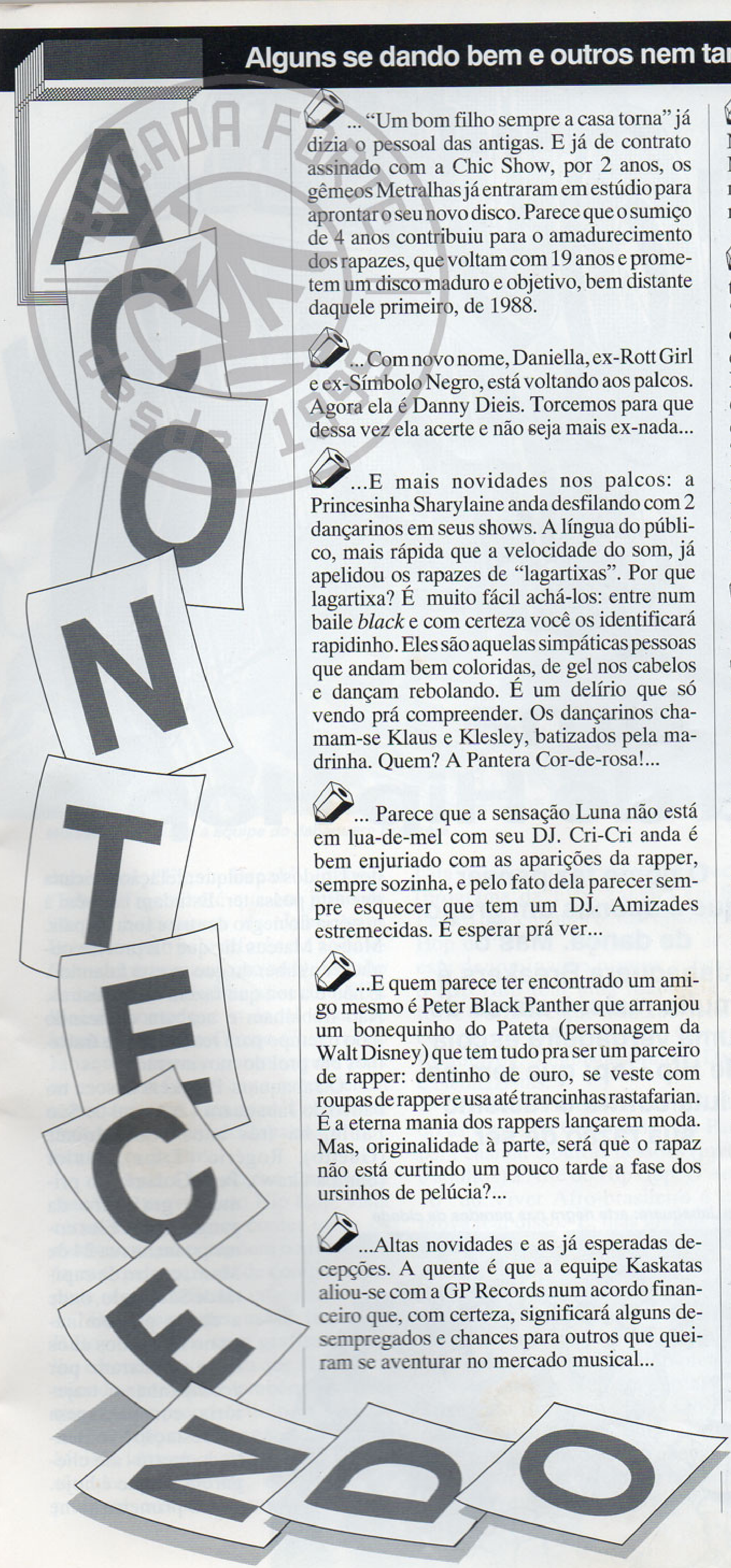
Contei toda essa história para que vocês possam entender um pouco da trajetória do rap no Brasil, um pouco da história da música negra, pois na nossa vida tudo está sempre em estado de mudança e transformação.

Em 1980 um trecho de uma música me chamou atenção. É de morrer de rir: "*Quando a gente leva a sério/ o que se passa por aqui/lar doce lar, tão pequeno nunca vi/para o sol entrar em casa/um dos dois tem que sair/mil cruzeiros pela carne/pague um quilo e leve um osso/levo um carro de dinheiro/trago as compras no meu bolso...*" Era um *funk* brasileiro falado, no estilo americano, uma versão de Sugarhill Gang em que a letra fazia uma crítica em tom de ironia sobre a situação social do país. É o primeiro registro de um rap gravado em vinil que se tem notícia. Digo um rap pois a sua concepção é original: batida *funk*, letras falando sobre assuntos reais e originalidade na elaboração do tema. O intérprete desse rap era o Miéle. Isso mesmo! O comunicador que já teve vários programas de TV. É um compacto lançado em 1980. Se você é admirador do rap, não pode deixar que esse disco falte em sua coleção.

No decorrer dos anos 80 apareceram mais raps gravados no Brasil: Black Júniors, Pepeu e Mike, Kaskatas e a primeira coletânea de rap (Ousadia do Rap), General G., MC Kid, Cultura de Rua, Som das Ruas. De tudo isso dá para se perceber que o rap é a música em que se pode declamar várias músicas nos mais variados estilos.

Não se esqueçam que para se fazer rap é necessário o conhecimento da história. Desde o verbal até o musical e não ter preconceito contra qualquer estilo de música, pois no rap de tudo se tira um pouco. Faça o seu rap com sinceridade, sabedoria e criatividade. Nunca deixe a ignorância afetar a sua consciência. Não use só um estilo musical porque o seu trabalho pode ficar restrito. Seja criativo e verdadeiro, porque a tendência do rap hoje é crescer muito mais. Paz a todos!

DISCOS
TUDO EM: SAMBA
NOVIDADES &
RARIDADES BLACK
DANCE MUSIC
NACIONAIS E
IMPORTADOS
COMPRA - VENDA - TROCA
FONE: 228-8960
Av. Brigadeiro Tobias, 118
Loja - 304 - Centro - São Paulo



... "Um bom filho sempre a casa torna" já dizia o pessoal das antigas. E já de contrato assinado com a Chic Show, por 2 anos, os gêmeos Metralhas já entraram em estúdio para aprontar o seu novo disco. Parece que o sumiço de 4 anos contribuiu para o amadurecimento dos rapazes, que voltam com 19 anos e prometem um disco maduro e objetivo, bem distante daquele primeiro, de 1988.

...Com novo nome, Daniella, ex-Rott Girl e ex-Símbolo Negro, está voltando aos palcos. Agora ela é Danny Dieis. Torcemos para que dessa vez ela acerte e não seja mais ex-nada...

...E mais novidades nos palcos: a Princesinha Sharylaine anda desfilando com 2 dançarinos em seus shows. A língua do público, mais rápida que a velocidade do som, já apelidou os rapazes de "lagartixas". Por que lagartixa? É muito fácil achá-los: entre num baile *black* e com certeza você os identificará rapidinho. Eles são aquelas simpáticas pessoas que andam bem coloridas, de gel nos cabelos e dançam rebolando. É um delírio que só vendo prá compreender. Os dançarinos chamam-se Klaus e Klesley, batizados pela madrinha. Quem? A Pantera Cor-de-rosa!...

... Parece que a sensação Luna não está em lua-de-mel com seu DJ. Cri-Cri anda é bem enjuriado com as aparições da rapper, sempre sozinha, e pelo fato dela parecer sempre esquecer que tem um DJ. Amizades estremecidas. É esperar prá ver...

...E quem parece ter encontrado um amigo mesmo é Peter Black Panther que arranjou um bonequinho do Pateta (personagem da Walt Disney) que tem tudo pra ser um parceiro de rapper: dentinho de ouro, se veste com roupas de rapper e usa até trancinhas rastafarian. É a eterna mania dos rappers lançarem moda. Mas, originalidade à parte, será que o rapaz não está curtindo um pouco tarde a fase dos ursinhos de pelúcia?...

...Altas novidades e as já esperadas decepções. A quente é que a equipe Kaskatas aliou-se com a GP Records num acordo financeiro que, com certeza, significará alguns desempregados e chances para outros que queiram se aventurar no mercado musical...

...E a crise tá brava e rondando por aí... Não é a toa que o disco prometido pela Black Mad, que já tem até nome, o "Brazilian Rap 2" não tem previsão de saída. Ainda nem entraram em estúdio...

...Mas, ruim prá uns nem tanto para outros: investindo nas coletâneas em 93, a Rhythm 'n Blues já lançou "Movimento Hip-Hop", onde saem RPW (Rúbia) com duas faixas enfocando mulheres, Filosofia de Rua, Zona Negra, Negros Conscientes, The Brothers Rap e Fatos Reais. E, sem divulgação de nomes, as outras coletâneas da Rhythm vão se chamar "Movimento Rap 2" e "Movimento das Ruas". E também tem solo na jogada, com o grupo Face Negra, que já está gravando. Parabéns pelo investimento e credibilidade no movimento, Rhythm!...

...O FNR também já está em estúdio num lance com Milton Salles...

...Sempre e mais um pouco "cada vez mais preto", o DMN já está com o disco saindo do forno. Vem com 10 faixas e cheio de toques e motivação. Produção? d-e-l-e-s! Músicas já conhecidas e cantadas como "Já não me espanto" e "Precisamos de nós mesmos". O DMN cansou de esperar e está bancando o próprio disco...

...E saiuuuuu!!! Finalmente saiu o tal prometido disco com as bandas de rap da Cidade Tiradentes "Aliança Negra", pelo selo Cash Box. O que fazer prá ouvir? Comprar!...

...A coletânea "Algo a dizer", pela Zimbabwe tá prontinha. Saíram nesse trabalho Lady Rap, Supremacia Rap, MRN e Ataliba Man...

...E dá-lhe Zimbabwe! Também já saiu o disco de MT Bronks. O lançamento aconteceu em julho, na Quadra do Peruche... "Rappers & Irmãos" saiu e acabou! A gravadora decidiu não prensar mais o disco. Triste para o pessoal que deu duro: Sharylaine, Luna, R.Z.O., Frank, Mister, entre outros...

... E prá quebrar a estorinha de que posse com posse não se bicam, a DRR (Defensores do Ritmo de Rua) uniu-se ao Jabaquara Break e estão trabalhando juntos em trabalhos comunitários e oficinas de conscientização...

SKINNY

JABAQUARA BREAKERS

Uma escola de Hip Hop

O nome faz pensar que é apenas um grupo de dança. Mas o Jabaquara Breakers é muito mais: trata-se de uma verdadeira escola de Hip Hop; que tem na luta contra o racismo sua razão de ser

Quem achou que o Jabaquara Breakers é uma gang específica de dança, dançou, porque o Jabaquara Breakers age em todas as áreas do Hip Hop. Age na dança, com o break e smurf-dance (que é liberdade de expressão corporal); na música, com o rap (que é o canto falado); e no grafite, com artistas plásticos (que desenvolvem a arte do desenho nas paredes, sempre simbolizando algo em favor da paz). E tudo isso compõe a arte de rua.

Político, ideológico e radical, tanto com relação a raízes, quanto na atitude, o Jabaquara Breakers diz ser o único no que faz. Nunca visou fins lucrativos e se dedica porque gosta e acredita no que faz. Seus integrantes estudam sobre tudo, procuram informações e buscam a sabedoria. Eles afirmam que sabem a verdadeira história do Hip Hop no Brasil, Estados Unidos e qualquer relação africana que este possa ter. Estudam também a história do negro dentro e fora do país. Moisés Mateus diz que "É preciso conhecer e saber do que se está falando". E não é a toa que fazem até palestras. Não trabalham e acabam dedicando todo o tempo para realização de trabalhos em prol do movimento.

O Jabaquara Breakers nasceu no bairro do Jabaquara - zona sul de São Paulo, há três anos com Moisés (Guetto), Rogério (Tripa), Júnior (Sampa Crew), Pex (Goiânia - o primeiro grafiteiro da gang) e Nico. Eles começaram na rua 24 de Maio, centro da capital de São Paulo, onde a dança predominava no início dos anos 80 e acabaram por acompanhar a trajetória - com passagem pela estação São Bento do metrô- até chegarem ao que é hoje.

O primeiro nome

Grafite do Jabaquara: arte negra nas paredes da cidade

Moisés (à direita) e a equipe do Jabaquara Breakers

deles foi "Flash Break", depois "Break Tigers" até que em julho de 91 se batizaram de Jabaquara Breakers, não pela referência ao bairro, mas em homenagem ao Quilombo do Jabaquara existente no século XIX. Moisés conta que o local onde se localiza o antigo Centro Cultural do Jabaquara era um ponto seguro para os escravos fugitivos se esconderem e descansarem para depois seguirem para o Quilombo do Jabaquara, que ficava em Santos.

Jabaquara Breakers é uma escola dentro do movimento Hip Hop, vista como uma gang por conter todos os elementos que compõem o movimento, mas pelo número de componentes pode ser identificada como uma posse. Os integrantes usam trajes de B.Boy: camiseta com grafite, agasalho e boné. Eles sabem que são discriminados por isso e também admitem que sofrem preconceito pela maioria dos componentes ser de negros. Moisés lamenta a ausência da televisão que, segundo ele, quando se faz presente costuma deturpar os fatos. Cita o caso do Documento Especial (programa da TVS, canal 4 em São Paulo) que chamou o Movimento Hip Hop de "Tribo". Moisés não aceita esta denominação porque acha que o Hip Hop tem uma ideologia tão forte e direta e que isso não acontece com os White Power, Góticos, Roqueiros, Sambistas, Punks, Darks e Neonazistas.

Jabaquara Breakers vem invadindo as Casas de Cultura de São Paulo para ensinar a outras pessoas (jovens e adultos) a Arte do Hip Hop. O Acervo do Viver Afro-brasileiro é uma prova real disso. É, mas invadir esses espaços não é fácil. Eles sentem falta de um disco, mesmo que seja uma faixa em uma coletânea e um videoclip. Para eles, dessa forma seria mais fácil chegar com uma proposta e ampliar a rede cultural que o Hip Hop oferece.

As escolas também são alvo do Jabaquara Breakers. Nelas são feitas palestras que as vezes duram cerca de quatro horas, envolvendo apenas dois temas, por causa do grande número de dúvidas que as pessoas levantam. Moisés fala constantemente sobre preconceito racial, drogas, pais e filhos, violência policial, sexo e outros assuntos e ressalta ainda que na escola não se aprende a verdadeira história do que acontece nas ruas.

Infelizmente nem todo mundo conhece esse movimento como um movimento cultural e ainda existem muitos que julgam esses jovens como drogados e marginais. Talvez achem isso por não terem a oportunidade de um contato maior com o trabalho que neste sentido essa rapaziada desenvolve. O objetivo deles é atingir a classe média, que para eles é a mais racista. O objetivo nesse caso é fazer com que essas pessoas os conheçam e deixem de criticá-los.

O pessoal do Jabaquara Breakers acha que a pena de morte já existe, só que com outro nome: Justiceiros. "Os negros estão morrendo" - diz Moisés, que faz essa observação e lembra que, estatisticamente, o extermínio tem se dado em primeiro lugar no Recife, em segundo no Rio de Janeiro e em terceiro São Paulo. Mas eles têm tam-

Além da dança, trabalhos para a comunidade

bém outras preocupações: os menores, a prostituição e a violência que as vezes começa dentro da própria casa.

Existem algumas sub-divisões no Jabaquara Breakers. Uma delas é o grupo de adultos, integrado pelas cinco pessoas que iniciaram o trabalho. No rap atuam os grupos Delcon Rap e Guetto & Posse, no grafite Coiote e Cobra. Tem também o Jabaquara Breakers Júnior, formado por cinco integrantes: Djalma, Xingú, Rogério, Nenê e Drigo. Estes tem o dever de dar continuidade quando os adultos pararem, dando seguimento a ideologia e conservando o mesmo nome.

O Jabaquara Breakers The Girls tem longa história. Formada inicialmente por Cláudia, Roberta e Renata e posteriormente Silvana e Doroti, foi a primeira gang feminina de smurf no Brasil, mas que depois de muitas críticas acabou desistindo. Hoje a formação é outra: Flávia, Alessandra, Elaine e Vanessa, mas a história não mudou muito. Os problemas continuam dentro e fora de casa. Unidas, procuram fazer o melhor, mas não adianta muito. Os rapazes que dançam na São Bento e na Conceição (estações do Metrô), desafiam as meninas para racha, mesmo achando que mulher não pode fazer isso.

Quem quer conhecer o Jabaquara Breakers pode ir à estação São Bento todas as tardes de sábado ou à estação Conceição do Metrô todas as sextas feiras à partir das 19:00 hs.

Grito de Guerra:

"Hip Hop até a morte".

Peso Pesado do Rap Vol II

Reggae Vol II

STAR RECORDS DO BRASIL LTDA.

Rua Cap. Salomão, 27 - 3º and. - sala 313 - Centro - SP - Tel: 841-0106

POSSES

Um trabalho comunitário

Aliança Negra, Conceitos de Rua e Ritual Democrático de Rua Negro são algumas das posses mais atuantes de São Paulo

Posse é o nome dado aos grupos de pessoas que através da música, dança e pintura querem levar a informação ao povo negro e pobre da periferia. E isso porque entendem ser essa a única saída para aqueles que sonham com um futuro melhor para si e para seus filhos.

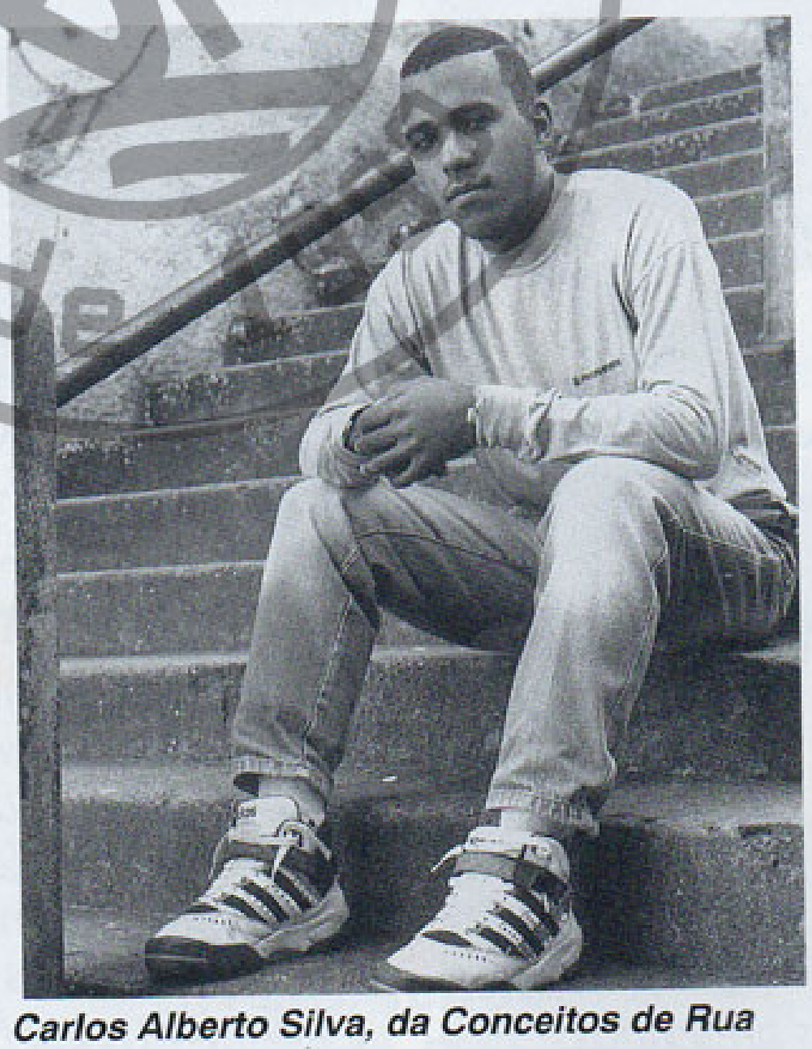
A partir do ponto de vista de que o movimento Hip Hop, além de ser uma forte expressão cultural é também um grande veículo de comunicação a serviço das comunidades, jovens rappers, breakers, grafiteiros e militantes do movimento negro, começam a se reunir em diversos bairros de São Paulo. O objetivo é pensar em conjunto na forma de organização da comunidade, para tentar solucionar os problemas que afligem as pessoas da periferia: racismo, pobreza, marginalidade, moradia, desemprego, extermínio de menores.

Franilson Batista, da Aliança Negra

M C Regina, da R.D.R.N.

No calendário do Hip Hop nacional, data de 1988 o surgimento oficial da primeira Posse organizada: Sindicato Negro. Mas nos últimos anos já se tornou incontável o número de Posses existentes. Nesta edição vamos falar de três Posses: Aliança Negra que atua na Cidade Tiradentes - zona Leste; Conceitos de Rua, do Capão Redondo - zona Sul e R.D.R.N (Ritual Democrático de Rua Negro) - de Parelheiros, também zona Sul.

Essas três Posses surgiram a partir da mesma preocupação: dar continuidade ao movimento Hip Hop e resolver os problemas de suas regiões. Desses, o maior é a falta de informação, resultante do baixo grau de instrução da maioria da população dessas regiões. Embora o rap seja o ponto em comum que une as pessoas que formam essas Posses, elas não são compostas somente por rappers e B.Boys. Aliança Negra, Conceitos de Rua e R.D.R.N, possuem madrinha, uma pessoa mais velha que acompanha e orienta a Posse. E sempre recebem colaborações de outras pessoas do bairro na elaboração de seus eventos. É como diz Franilsom Batista, presidente da Posse Aliança Negra: "Se a Posse tem por intenção ajudar a quem precisa, a quem sofre, ela não pode reunir só as rappers e sim a toda a população negra e pobre da periferia". Esse também é o pensamento dos integrantes da posse Conceitos de Rua, que desenvolvem seu trabalho em umas das maiores zonas de São Paulo e têm que fazer com que as propostas da Posse cheguem a todas as partes. Carlos Alberto Silva, porta-voz do Conceitos de Rua, diz que para isso acontecer cada grupo ou pessoa ligada à Posse tem que montar um sub-grupo em sua região.



Carlos Alberto Silva, da Conceitos de Rua

Por trabalharem com a informação através do rap, as Posses sabem que o aperfeiçoamento deste é indispensável para alcançar os objetivos pretendidos: "Nosso objetivo é levar o movimento Hip Hop mais a sério e conseguir espaço em nossas regiões, pois é difícil ter espaço para o rap lá". – diz MC Regina, presidente da Posse R.D.R.N.

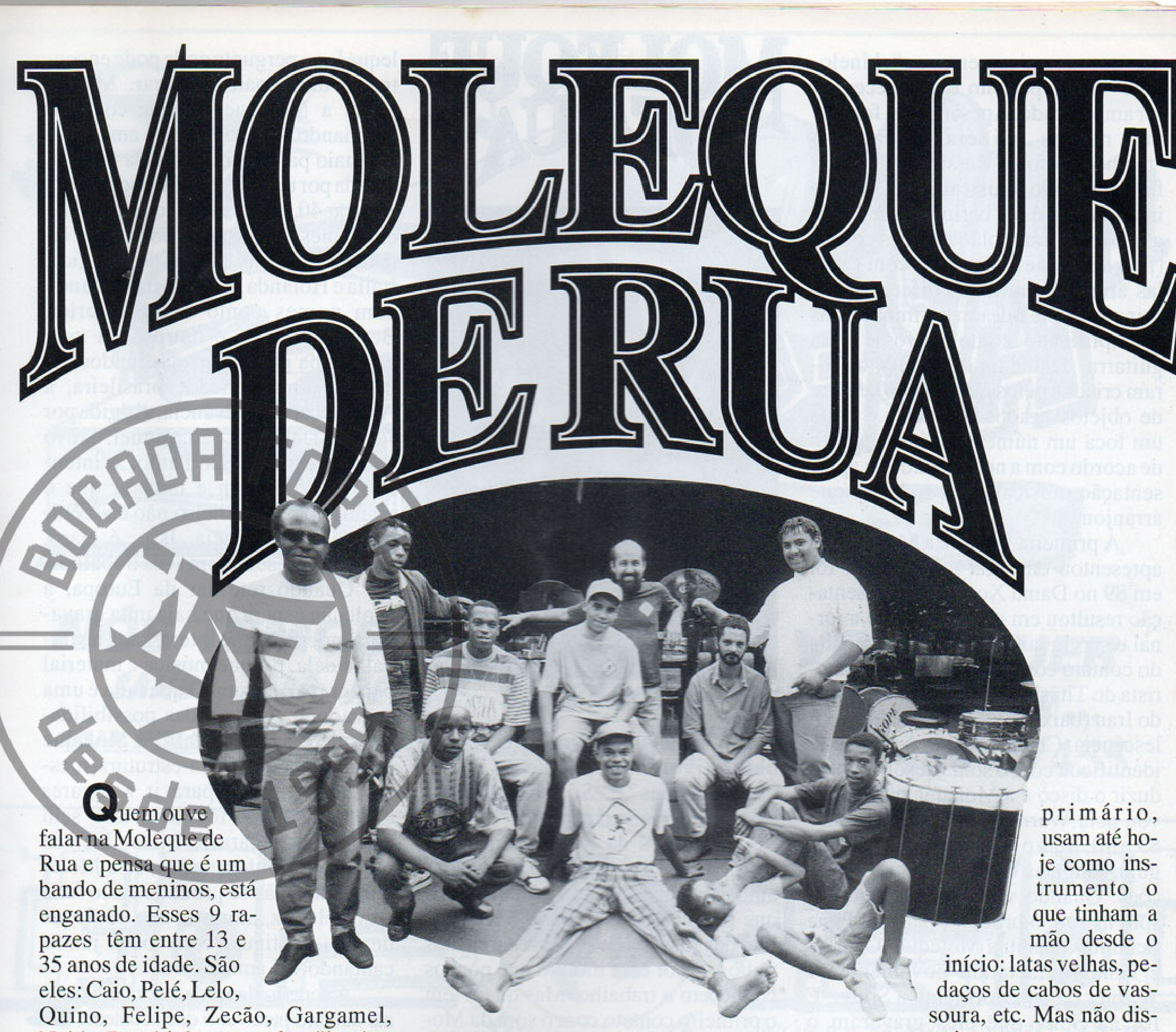
Além de promoverem a conscientização do povo, essas Posses pretendem alcançar várias outras metas. Mas entre tudo o que fazem todos concordam que as palestras nas escolas são o tipo da atividade que os coloca bem mais em sintonia com as pessoas e seus problemas. Além das palestras, as Posses também organizam atividades voltadas para a resolução imediata dos problemas. A Conceitos de Rua, por exemplo, prepara o funcionamento de uma oficina de silk-screen para permitir que as pessoas da periferia aprendam a fazer o seu próprio produto, tendo o seu próprio lucro. Com a realização de vários eventos nas suas regiões como campanhas do agasalho, arrecadação de mantimentos etc, essas Posses têm recebido muito apoio das comunidades. Apoio que vai desde a divulgação dos trabalhos realizados nos jornais de bairro e nas Casas de Cultura, até o desenvolvimento de atividades junto às Administrações Regionais da Prefeitura.

A organização e ação das Posses acaba por ser um movimento político. Conscientes do papel que desenvolvem, seus integrantes demonstram estarem preocupados com a formação política. MC Regina diz que para a R.D.R.N. ter esse tipo de formação, eles não dispensam leituras, debates diversos e as informações do Movimento Negro. Por já terem trabalhado muitas vezes juntas em campanhas e shows beneficentes, as Posses Conceitos de Rua, Aliança Negra e R.D.R.N, dizem não haver rivalidades entre elas, e mesmo com outras Posses. Afirmam que o número de Posses existentes na cidade de São Paulo é grande, mas que poucas são conhecidas. Atribuem o destaque de algumas ao trabalho que desenvolvem pois o importante não é o nome da Posse, mas sim o que esta faz.

Para aqueles que queiram conhecer de perto essas Posses e seus trabalhos, vão aí as dicas: a Aliança Negra tem suas reuniões todos os sábados, das 14:00 às 17:00 hs, na escola "Dr. Augusto César Salgado", Rua 16D Nº 166, Cidade Tiradentes. Conceitos de Rua se reúne todos os domingos a partir das 11:00 hs na escola "Levi de Azevedo Sodré", Rua Golpazari nº 10, Vale das Virtudes - Capão Redondo. A R.D.R.N (Ritual Democrático de Rua Negro) se reune na Casa de Cultura de Parelheiros, à Praça Francisco Ferreira Lopes, 434, todos os domingos, das 11:00 às 13:00 horas.

RAIO
Ano de formação: 1992
Componentes: Éder Eduardo (Éder D.), Armando de Oliveira (D. Crew), Marcos Paulo (Mark D.).
Preocupação: Racismo, desigualdade social entre negros e brancos.
Frase: "Nunca deixe o estudo para segundo plano porque ele é a base para o alcance dos nossos objetivos".
Ano de formação: 1993
Componentes: Rose Elias, 15 an (Rose), Eloá Silva, 20 anos (Éllo Vilma Elias, 21 anos (Vellma Dee Marina da Silva, 22 anos (Guta)
Preocupação: Expor a verdade se discriminação, apenas com coerência
Frase: "Capacidade todos têm, bas apenas saber usá-la, independente cor, raça ou sexo".
NEGROS PARA O FUTURO
DIVISÃO 3
Negros para o futuro
"... Eu sei que não somos o orgulho da nação,
nossos ideais também não são assuntos preferidos
porque lembramos dos esquecidos e apontamos otários
que infestam nosso espaço cada vez mais
Estou cansado de assistir tudo isso calado
e ser apontado, difamado sem saber,
Por que eles têm medo?
eu não sei dizer.
Talvez eles possam ver o poder que os negros têm
A consciência é a nossa arma, isso eu te asseguro"
Voz da Consciência
"... Cabe a cada um pensar
o que temos em mãos,
valores perdidos, direitos esquecidos.
devemos mudar tudo isso,
agindo com integridade
analisando os fatos
com justiça e humanidade.
será uma tentativa de auto-preservação
contra o desrespeito e a crueldade
de falsos irmãos.
O ideal seria que todos
fossem bem intencionados.
valorizassem a si,
como o do lado.
respeitassem e fossem respeitados.
Divisão 3 não vive de aparências
e manda o seu recado"

MOLEQUE DE RUA



Criada na periferia de São Paulo, essa banda bastante singular já percorre o mundo. Com seus instrumentos exóticos e um som que combina ritmos bem diversificados, a Moleque de Rua mostra que veio para ficar

Quem ouve falar na Moleque de Rua e pensa que é um bando de meninos, está enganado. Esses 9 rapazes têm entre 13 e 35 anos de idade. São eles: Caio, Pelé, Lelo, Quino, Felipe, Zecão, Gargamel, Naldo, Bombinha, mas a família só se completa com Duda, Calunga e Gregório. A história da Moleque de Rua começou quando o violão, a guitarra e o contrabaixo perderam o encanto para Duda, que na época tinha 23 anos de idade, tocava como músico amador e foi o iniciador da banda. Um dia ele propôs a dois moleques de rua, Bombinha e Naldo participarem de um festival. Nascia a Moleque de Rua. Os moleques saíram da rua e passaram a se reunir para tocar e admitem que a banda serviu para tirá-los da delinqüência.

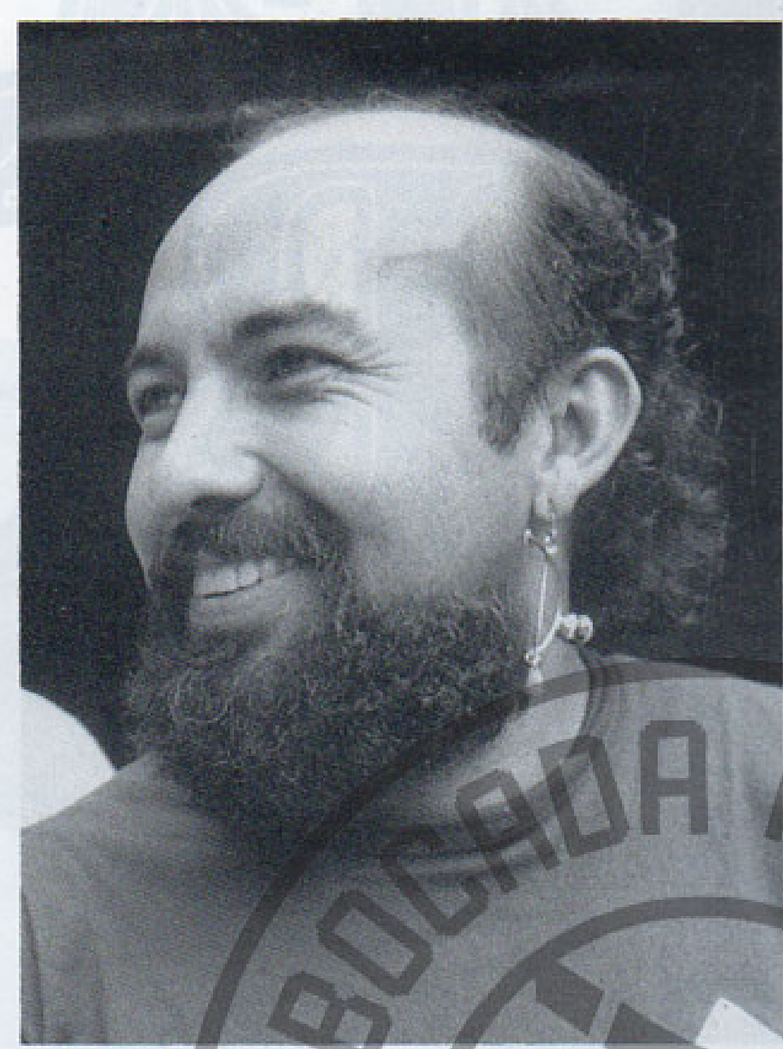
Influenciada pelo funk, rap, blues, jazz e rock pauleira, a Moleque de Rua consegue produzir em seus trabalhos uma verdadeira vitamina de ritmos. A banda já tem dez anos de estrada, mas foi em 1988 que fez o primeiro disco independente e com produção própria. Este trabalho despertou interesse e fez com que as emissoras de televisão abrissem as portas para eles, mas não foi o suficiente para tirá-los do anonimato.

Para realizarem este trabalho diferente e inovador, embora rústico e primário, usam até hoje como instrumento o que tinham a mão desde o início: latas velhas, pedaços de cabos de vassoura, etc. Mas não dispensaram a guitarra nem o contrabaixo. Duda escolheu as latas por elas não custarem nada e fazerem um barulho poderoso. Segundo ele, foi uma forma de mostrar que qualquer um pode fazer música. No começo, eles afinavam as latas, cada uma com um tom diferente, mas elas não rendiam muito por terem um certo limite. Por esse motivo, começaram a investir, aperfeiçoar e evoluir o trabalho. O som que as latas produziam já não agradava seus próprios ouvidos e com elas acabaram por construir uma bateria. Passaram, então, a procurar outros meios de fazer som. E foi no ferro velho, onde eles iam buscar latas, que encontraram uns canudos de papelão: modificaram sua estrutura e hoje esses canudos, tocados com um par de chinelos de dedo sem tiras, chamam-se "chinelo-fone". Duda porém afir-

MOLEQUE DE RUA

ma que acusticamente o "chinelofone" não é perfeito e que necessita ser amplificado. Apesar disso, foi dele que nasceu a idéia de fazer o "tamborino-fone" e assim a rapaziada foi crescendo musicalmente. Outro instrumento é o "berimbau-de-lata", que parece um violão de duas cordas (fios de arame esticados), com escalas afinadas em notas diferentes. O princípio dele é de um berimbau, mas é amplificado como se fosse uma guitarra. Todos os instrumentos foram criados pelos moleques e sempre de objetos tirados da sucata. Cada um toca um número de instrumento de acordo com a necessidade da apresentação musical e das músicas que arranjou.

A primeira vez que a Moleque se apresentou em uma grande casa foi em 89 no Dama Xoc. Esta apresentação resultou em uma entrevista a jornal e serviu também para a retomada do contato com Charles Gavan (baterista do Titãs), companheiro de banda do Iran (baixista da Moleque) na adolescência. Charles foi ver o show e se identificou com o som. Resolveu produzir o disco e a Moleque quase gravou pela Warner e Emi-Odeon entre 89 e 90. Mas o "plano Collor" conseguiu congelar os projetos de gravações. Quando voltaram a colocar o som na rua, o produtor paulista Pena Schmidt assistiu a Moleque. Charles e Pena contactaram novamente a Warner e posteriormente a Sony. E foi na Sony que eles gravaram o



Duda, o pai do Moleque

disco "Moleque de Rua". Nesse trabalho tiveram destaque as músicas "Herodes" e "Sósia" (que fala dos policiais militares).

Os discos da Moleque não são distribuídos nas lojas e a gravadora ainda diz que eles não vendem. Mas o que preocupa realmente a banda é o fato das suas músicas não tocarem nas rádios. É por esse motivo que poucos conhecem o trabalho. Mas quem tem o primeiro contato com o som da Moleque logo pergunta onde pode encontrar o disco para comprar. Mesmo assim a Moleque de Rua continua ampliando seus horizontes: embarcou em maio para Paris. A banda foi convidada por uma entidade francesa para realizar 40 shows numa temporada de cinco meses, passando por várias cidades francesas, além da Bélgica, Itália e Holanda. Estarão trabalhando com nomes como Peter Gabriel, Bernard Caviliê e outros, em uma campanha para arrecadar fundos em prol de uma entidade brasileira, a Associação Convivência, dirigida por João de Deus, em São Miguel, bairro da zona leste de São Paulo. A intenção nessa viagem é mostrar que o menor pobre brasileiro não é sinônimo de delinqüência. Isso, é claro, além de apresentarem seus trabalhos.

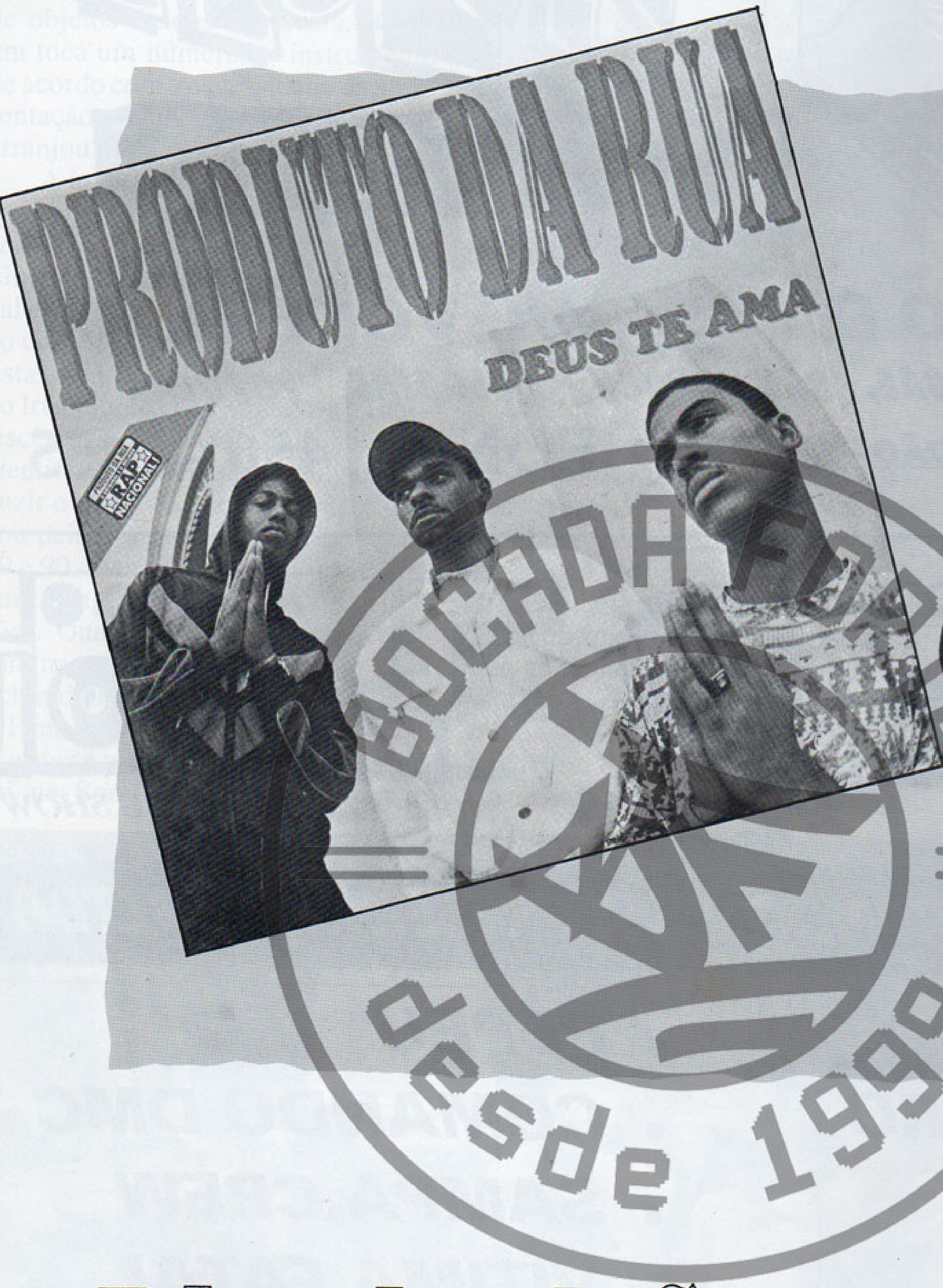
Quando retornar da Europa, a Moleque espera que haja uma gravadora independente interessada no trabalho dela, porque música e material para gravar ela tem. O que falta é uma gravadora. A partir das possibilidades que essa turnê abrir, a Moleque quer montar uma infra-estrutura, mesmo que mínima, para ir a lugares onde ainda não foi. Mas isso sem perder as suas características. É Duda quem diz: "Futuramente, se a Moleque de Rua não se produzir e não fizer o que ela faz, morrerá; se a Moleque de Rua continuar com todos juntos cantando vai amadurecer".

A sorte foi lançada, agora é esperar até outubro para ver o que acontece.

Moleque: uma vitamina de ritmos com influências de funk, rap, blues, jazz e rock

BRIGA DISCOS
NÓS TEMOS O DISCO QUE VOCÊ QUER
SAMBA, RAP, REGGAE, SAMBAROCK, MELODIAS, POPULAR ...
RUA POLÔNIA, 40 - TABOÃO - SÃO PAULO FONE : 456 - 7455
ELEMENTAR
NÓS FAZEMOS O SEU SHOW
PRODUÇÕES E PROMOÇÕES REPRESENTAÇÕES LTDA
. JB SAMBA
. CÂMBIO NEGRO
. DUCK JAM
. FACE NEGRA
. GERAÇÃO RAP
• PEPEU
• COMANDO DMC
• SAMPA CREW
• VÍTIMA FATAL
• DETHY E DJ FEMINY
• BASEADO NAS RUAS
FONE :(011) 35 - 2717
LARGO DA MISERICÓRDIA, 23 - 10º ANDAR - SL. 1012 - SÃO PAULO

PRODUTO DA RUA



BOLACHADA DE ESTILO desde 1999

Distribuição

FONE: (011) 850-5080

RAP SE ESPALHA PELO PAÍS

O Hip Hop brasileiro nasceu em São Paulo mas em outras capitais e grandes cidades do país o movimento também está crescendo

São Paulo é seguramente a cidade brasileira onde existe o maior número de grupos de rap. Estima-se que existam cerca de 500 grupos de rap na capital paulista. Isso no entanto não significa que o rap brasileiro seja feito exclusivamente por jovens paulistanos. Já há algum tempo existem grupos desenvolvendo trabalhos em Brasília, Goiânia, Belo Horizonte e Rio de Janeiro.

No centro-oeste do país o maior foco de rap é Brasília. Os grupos de maior destaque na capital do país são Baseado nas Ruas, Câmbio Negro, D.F. Movimento, Esquadrão MCs, MC Gog, Frank de Zeuxis, Tropa de Elite, Circuito Fechado, Inimigo Público, BSB Boys. Esses grupos produzidos pelo DJ Raffa e Leandronik, sofrem forte influência dos chamados radicais paulistas, utilizando a música para reivindicar o fim das desigualdades sociais. Ainda no centro-oeste, há um segundo foco de rap, que é Goiânia, onde existe apenas um grupo, o Megavox, que poderia ser classificado como *entretainer*, ou seja, com um trabalho mais voltado para o entretenimento, sem tanta preocupação com a denúncia da situação do negro e do pobre.

Ex (embaixo) e Jamaika, do Câmbio Negro, de Brasília

Belo Horizonte é uma cidade onde o rap está proliferando, já existindo uma gravadora chamada BW Discos. Na linha radical, existem o NJJC, Black Soul, Mr. J e Divisão de Apoio. Fazendo um rap mais dançante, aparecem o Evandro MC, Protocolo do Subúrbio e União Rap-Funk. Como em São Paulo, nota-se a presença das fly gilrs, MC Elú e as meninas do AW Rap.

O Rio de Janeiro, apesar do peso econômico que possui, ainda é um mercado pouco explorado no que se refere ao rap. O primeiro sinal de vida do rap carioca foi dado a partir da polêmica gerada em torno da música "Tô Feliz, Matei o Presidente", do Gabriel, o Pensador. Outros destaques do rap carioca são os grupos Def Yuri, Consciência Urbana, Wawa Black, Falcon Man e Artigo 288. Este último, aliás, está com um disco engatilhado, produzido por Mairto Bahia que deve ser lançado pela Radical Records.

** Colaborou nesta matéria* ***Bruno E.***

NOVIDADES
IMPORTADAS
E
NACIONAIS
DANCE MUSIC
RAP
LENTAS

A OPÇÃO MUSICAL DE SÃO PAULO
REMETEMOS PARA TODO BRASIL
RUA 24 DE MAIO, 116 - TÉRREO - Lj 6 - FONE: 223-9020 - SÃO PAULO

DISCOS
RAROS
EQUIPAMENTOS
IMPORTADOS
ACESSÓRIOS
P/
DJ's

YO! MTV PODE

Uma série de problemas fez a MTV "exilar" o único programa de rap que tinha na madrugada. Mas o DJ Bruno E tem um projeto para recriar o Yo em versão nacional

Ed Lover e Dr. Dre apresentam o Yo americano

A moçada do Hip Hop não gostou nem um pouco das mudanças que a MTV fez no horário e na forma de apresentação do Yo! MTV Rap. O programa perdeu o seu apresentador nacional, o Felipe, e foi jogado para a madrugada de sexta-feira. O Yo! Rap era para muitos umas das únicas formas, além dos bailes e das rádios, de tomar contato com os grandes ídolos, saber dos lançamentos, enfim, de acompanhar o desenvolvimento do Hip Hop no mundo e, é claro, especialmente nos Estados Unidos, por isso mesmo, teve gente até pensando em fazer um abaixo-assinado pedindo a volta do Yo! ao horário e a forma antiga. Mas pode ser que isso não seja necessário porque a emissora já está estudando a volta do Yo!, com apresentadores nacionais, ao horário antigo, então não descarta a opção pelo lançamento de um novo programa de música negra.

O Yo! MTV Rap surgiu há 4 anos na Inglaterra. Depois a MTV americana comprou a idéia, lançou nos Estados Unidos, e hoje o programa é recordista de audiência, sendo apresentado diariamente. Aqui no Brasil o Yo! começou a ser veiculado logo no início da MTV nacional. O primeiro apresentador era o Rodrigo Leão, um VJ branco.

Depois do primeiro aniversário da MTV brasileira, em 1991, foi feito um teste para selecionar VJs para a emissora: Felipe, um VJ negro, foi aprovado no

RAP VOLTAR

teste e convidado para apresentar o Yo!

Com Felipe, começa a segunda fase do Yo! MTV, mas vamos deixar que o próprio Felipe conte como as coisas rolaram: "Quando cheguei na MTV já teve problema porque não havia quem pudesse produzir o programa, uma vez que a formação deles era basicamente rock. Aí eu assumi a produção e a apresentação. O programa ficou 9 meses no ar e pintou a questão da audiência. O Yo! teve picos de audiência de até 5 pontos. Eu disputava o horário com o programa do Sérgio Malandro que ia ao ar pela Globo às 4 da tarde. Mas a aferição de audiência da MTV é complicada porque não se contam os lares que sintonizam através do videocassete. Mas ai começou o maior problema: o formato brasileiro do programa deixava muito a desejar em relação ao formato americano, porque as gravadoras daqui não querem fornecer clips de rap para não perder mercado em outros gêneros: quando você coloca o clip no ar, geralmente o produto está nas lojas e nos casos dos clips de rap eles não tinham o produto na loja para oferecer. Então eu comecei a ter problemas de não ter material novo. Os grupos nacionais de rap não tinham clips. Eu convidava para falar dos trabalhos e dos álbuns, mas não tinha clip para mostrar. E aí a direção da casa adotou uma política de alijar os negros do ar. Não tem mais nenhum negro apresentador na MTV. Juntaram essa polêmica com a baixa audiência, com a falta de interesse em divulgar a MTV para as classes C, D e E (baixa renda).

Fábio Massari, assistente da diretoria da programação da MTV (e também apresentador do programa Lado B), explica que a decisão de mudar o Yo! de horário e acabar com o formato nacional foi cogitada porque algumas pesquisas, não só da MTV, indicavam que o rap era um tipo de música de difícil aceitação aqui no Brasil por causa da dificuldade de compreensão das letras. O próprio Massari, no entanto, questiona a validade dessas pesquisas, lembrando os milhares de discos vendidos por grupos nacionais de rap, como o Racionais MCs. Ele acrescenta que foi a dificuldade de conseguir material (clips) e a indefinição quanto ao formato do programa que levaram a MTV a tomar a decisão que tomou. Apesar do fim da apresentação nacional do Yo!, Fábio Massari garante que a MTV não está se afastando da música negra. Ele conta que estão em estudo duas alternativas nessa área. Uma delas seria um programa de black music em geral, apresentado por um VJ da MTV, provavelmente o Thunderbird, que segundo o próprio Massari entende bastante do assunto e dá muita força a música negra dentro da emissora. A segunda alternativa é a volta do Yo!

O projeto "A volta do Yo! MTV Rap" foi desenvolvido por Bruno E, um DJ e produtor musical nascido em Goiânia há 19 anos e radicado há 2 anos em São Paulo. A idéia, segundo Bruno, surgiu a partir de uma matéria sobre o rap no Brasil que ele tinha que escrever para a revista Bizz. Esse trabalho levou Bruno a fazer uma pesquisa no Brasil inteiro sobre rap, para saber o que acontecia. E o que aconteceu foi a descoberta desse mercado gigantesco, desse enorme público, das numerosas empresas, das equipes de bailes: esse mundo da cultura negra que a mídia em geral praticamente desconhece. A descoberta da amplitude desse mercado levou Bruno a pensar sobre as razões que fizeram a MTV tirar o Yo!, que ele classifica como o único espaço, não só de rap, mas de música negra na televisão brasileira. A partir daí surgiu a idéia de fazer um projeto próprio. E foi o que ele fez, contando para isso com a colaboração do próprio Felipe, o ex-apresentador do programa e do Grand Master Ney, uma pessoa bastante popular no mundo rap de São Paulo. Mas vamos ver como Bruno E pensa na volta do Yo! MTV Rap:

Bruno E

Pode crê !: *Em linhas gerais, como é que é o projeto?*

Bruno E: O projeto "A volta do Yo! MTV Rap" tenta trabalhar da mesma maneira que o norte americano, só que respeitando os padrões culturais locais, nacionais. Você não pode trabalhar numa linguagem que não vem da realidade local. O Brasil enfrenta um tipo de racismo, de conceitos e preconceitos, que são totalmente diferentes dos americanos. No Brasil a gente tem muito mais negros que lá. Isso tudo influiu na construção do projeto. Eu tive que pensar até em como explorar a marca à nível de produtos, porque tem produtos que são aceitos aqui e não são aceitos lá. Mas de uma forma geral, a gente tenta acompanhar o processo de produção do Yo! americano, que conta com a equipe só para ele, uma equipe que não trabalhe com outros tipos de programas na MTV.

Pode crê!: *Isso não existia na fase anterior?*

Bruno E: Não, isso não existia. O Felipe é que tomava a cabeça do negócio, mas não existe uma equipe para o programa, que é segmentado e precisa também de uma produção segmentada. A gente quer fazer uma equipe que traga coisas novas, trabalhe no processo da produção norte americana, ou seja, criando novos elementos, produtos que venham mostrar no *marketing* como anéis, jaquetas Yo! Isso tudo sofistica muito o programa. A MTV americana está sempre criando novas coisas: entrevistas no programa, shows, etc. Lá o Yo! passa todos os dias, e na sexta feira, ele parece um show. Um dos formatos do Yo! americano utiliza dois apresentadores, como uma banda de rap. A gente queria fazer mais ou menos isso, acrescentando entrevistas, tomadas externas e fugindo um pouco do *cromaki*, o fundo eletrônico. Para isso a gente criou um cenário.

Pode crê!: *Um dos problemas que levaram a MTV a mudar o horário do Yo! e passá-lo para a madrugada, e sem o apresentador nacional, foram as pesquisas que mostram rejeição do rap e a dificuldade de entendimento daquilo é dito. Como é que*

YO! MTV RAP PODE VOLTAR

você resolveu isso dentro do seu projeto?

Bruno E.: É difícil uma coisa ser aceita pelo público errado. A MTV não está trabalhando com a coisa que em *marketing* a gente chama de *target*. Como pode trabalhar um programa de rap sendo que o público de rap é C/D se na sua magnitude a MTV continua trabalhando com o público A/B? Teria que ser feito um programa para o público certo, porque esse não estava nem tomando conhecimento do Yo! MTV Rap. O ensinamento para as pessoas de como sintonizar MTV foi feito através de veículos da mídia grande, como Veja e Isto É, aos quais só o público A/B tem acesso. Além disso, não foi feita nenhuma pesquisa no gênero, para saber como jogar o programa.

Pode crê!: *Será que é possível a MTV atingir esse target em função de ser canal de UHF e da dificuldade de recepção do público de renda mais baixa?*

Bruno E: O público de rap, apesar de ter uma renda mais baixa, é uma tribo como os metaleiros, como os punks. Por ser uma tribo, ele está sempre ligado no que está acontecendo e vai atrás, compra os discos, compra até os discos de single, que vem com uma música só, más eles não deixam de comprar, ele vai até o fundo no que ele quer. o problema é que falta um incentivo a esse público. Para isso, poderiam ser feitas promoções nos bailes da periferia levando as mensagens do programa. Essa é uma medida que tem tudo para funcionar.

Pode crê!: *Como é que está pensado no projeto o aproveitamento dos grupos de rap nacional?*

Bruno E: Os grupos nacionais teriam prioridade total no programa. E isso porque aqui no Brasil os grupos nacionais têm crescido de uma maneira semelhante à dos Estados Unidos. Tem surgido muitos grupos e as gravadoras como a Kaskatas e a TNT estão crescendo muito. Eu fiz uma pesquisa que comprovou que o mercado independente no Brasil que mais vende disco é o mercado de rap. Ele supera qualquer outro mercado independente. As gravadoras independentes de *heavy* não chegam a números tão satisfatórios como o mercado independente de discos de rap. O público de rap é enorme. Você vai num baile de periferia no final de semana, você se depara com muitas pessoas, cerca de 300 mil pessoas, se pegar todos os bailes de São Paulo. E ainda existe o Rio de Janeiro, que é um lugar de cultura *black*. A intenção da volta do Yo! não é só para fazer um programa de rap, de música, e sim um programa para o público negro, não só para as pessoas de cor escura e sim as pessoas que amem a cultura negra. Isto eu justifico pelo seguinte: A gente vive em um país onde miscigenação cultural foi aflorando desde os seus primórdios e até hoje é um país mestiço. O próprio discurso extremista racista como existe na Europa, dos *white power*, não funciona no Brasil, não tem como funcionar. Não tem como você dividir porque todo mundo é miscigenado.

Pode crê!: *E qual o papel de um programa de TV igual o Yo! MTV Rap, numa situação como esta?*

Bruno E: Este público amante da cultura negra, eu falo o público negro, porque, amante da cultura negra, ele está cansado de ser discriminado na TV brasileira. A mídia em geral deixa o negro secundarizado ou terceirizado. Nas novelas, por exemplo, a maior parte dos negros é colocada em papéis subalternos. Há um desrespeito. Então é um público sedento por um programa que venha representar seus interesses. E aí que surge o Yo! MTV, para pegar quem gosta de rap, quem é negro por cultura.

MUSICAL

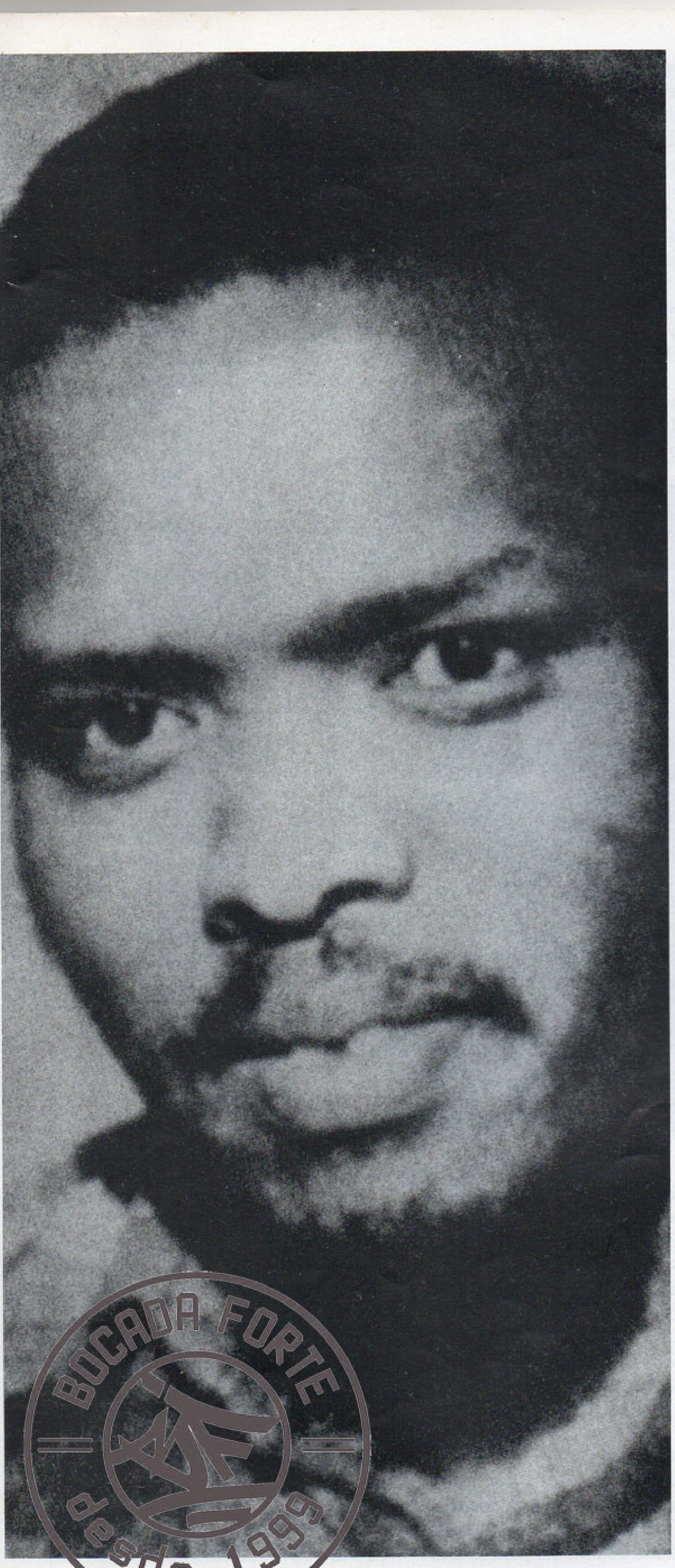
LANÇAMENTOS:EXPLOSÃO DOS RAPPER's VOL. I e II

EXCLUSIVIDADE DA TOK MUSICAL À VENDA EM TODAS LOJAS DE DISCO

DJ ONDE O SUCESSO CHEGA EM 1º LUGAR, DANCE MUSIC, RAP E PAGODE, DISCOS RAROS DE TODOS OS GÊNEROS. A ÚNICA LOJA DO GÊNERO COM MAIS DE 20.000 LP's E 2.500 ÍTENS DIFERENTES

RUA PAULO EIRÓ, 67 - SANTO AMARO

RUA BARÃO DO RIO BRANCO, 205 - SANTO AMARO - FONE: 523-2407



Steve Biko viveu e morreu lutando pelo fim do Apartheid na África do Sul

STEVE BIKO

FLÁVIO CARRANÇA

Grandes mudanças estão para acontecer na África do Sul. A primeira Constituição pós-apartheid está em fase de elaboração e as primeiras eleições multirraciais da história daquele país estão marcadas para 27 de abril do ano que vem. Isso significa que o surgimento de um governo de maioria negra, que colocaria um fim em 350 anos de dominação branca, deixou de ser apenas uma possibilidade teórica. É claro que nem tudo são flores. A violência racista continua existindo, uma vez que o aparelho de Estado montado pelos racistas ainda sobrevive. Além disso, um setor mais radical da população branca parece ter optado pela resistência armada às mudanças. E grande parte das cenas de violência que se tornaram habituais na África do Sul têm como protagonistas os próprios negros. Os choques entre militantes do Congresso Nacional Africano, de Nelson Mandela, e do Partido da Liberdade Inhkata, do chefe zulu Mangosutu Gatsha Buthelezi, provocaram e continuam provocando muitas mortes.

Apesar de toda violência, o recuo do regime racista, iniciado no final da década de 80, já é irreversível e o surgimento de um regime democrático no sul do continente africano é agora uma possibilidade real. A importância de uma África do Sul democratizada não se restringe ao fim da opressão sobre os negros do país. Sua riqueza e seu avanço tecnológico são vistos por muita gente como um importante potencial regional que pode facilitar a quebra do isolamento econômico a que o continente africano está submetido, contribuindo para a melhoria das condições de vida de milhões de africanos.

BOCADA FORTE desde 1999

STEVE BIKO

Entre os milhares de negros sul-africanos que deram a vida pela libertação do seu povo da opressão racista, existem muitos nomes que se destacam. Mas um deles terá para sempre um lugar especial na memória do povo negro da África do Sul e dos democratas do mundo inteiro. Seu nome era Steve Biko, principal dirigente da organização Consciência Negra e ex-presidente da Organização dos Estudantes da África do Sul (OESA), entidade que representa os estudantes negros daquele país.

Steve Biko nasceu a 18 de dezembro de 1946 em King Willian's Townn, cidade da Província do Cabo, no extremo sul da África do Sul, e morreu no dia 12 de setembro de 1977, após ser preso e torturado pela polícia política sul-africana. Seu pai, Mzimhkayi Biko, morreu quando ele tinha apenas 4 anos de idade. Ele tinha um irmão e uma irmã mais velhos e um irmã mais nova. *"O lar dos Biko* -conta Barney Pityana, seu amigo de infância e companheiro de militância- *era realmente uma grande família. Todos aprenderam a partilhar e contribuíram para a vida familiar de acordo com suas capacidades. Esse espírito de colaboração deixou uma impressão duradoura em Steve Biko. Ele foi criado somente com o irmão e as irmãs pois a mãe, embora tivesse um emprego em tempo integral, também criou filhos de alguns parentes. Steve se impressionava com a atitude filosófica de sua mãe em relação à luta diária pela sobrevivência e seu compromisso total de oferecer toda a ajuda que pudesse, não só para os filhos, mas para todos que a solicitassem na hora da necessidade. Isso era natural. Mas foi a semente da qual nasceu um sistema político que iria transformar toda a cena sul-africana".*

Desde cedo, Biko demonstrou ter uma mente aguçada que se combinava com uma personalidade carismática. Era um homem alto e bonito. Tinha mais de 1,80 metro de altura e a corpulência de um lutador de boxe peso pesado. Donald Woods, seu biógrafo e amigo, diz que, como muitos grandes homens, ele não tinha nenhum indício de arrogância e jamais demonstrou o menor traço de ódio, mesmo em relação a seus perseguidores. Era também um trabalhador ativo e entusiasmado, acostumado a varar noites escrevendo panfletos. Leitor voraz, mantinha-se sempre bem informado sobre teorias e acontecimentos do país e do exterior. Gostava de jogar futebol, de dançar e era também dotado de grande capacidade de amar, característica que criava problemas, principalmente para sua esposa, Ntsiki, com quem teve dois filhos.

Biko começou os estudos na Brownlee Primary, onde ficou dois anos, passando em seguida para a Charles Morgan High Primary, onde permaneceu 4 anos. Depois foi para Lovedale, uma escola para meninos na parte oriental da Província do Cabo. Mas a passagem por ali foi curta. Em 1963, após uma permanência de apenas 3 meses, Biko e muitos outros estudantes seriam expulsos, depois de uma greve deflagrada pelos alunos mais velhos. Em 1966, depois de concluir com sucesso os estudos em uma escola católica, Biko matriculou-se na Universidade de Natal para estudar medicina, curso que seria obrigado a abandonar para se dedicar à atividade política. Já em 1967, ao participar do congresso de uma organização estudantil liderada por brancos, na Universidade de Rhodes, Biko chamava a atenção dos meios de comunicação, conquistando a liderança sobre os delegados negros. Em outra conferência de uma organização multirracial, realizada em 1968, em Stutterhein, suas idéias receberam um apoio entusiasmado da delegação negra. Segundo Pityana, esse encontro estaria na origem do nascimento da Organização dos Estudantes da África do Sul, que perturbou profundamente o alinhamento tradicional do mundo estudantil sul-africano, que consistia, por um lado, no Afrikaanse Studenbond, representando as universidades de língua africâner que apoiavam o apartheid, e por outro lado a UNESA, que representava os estudantes de língua inglesa, incluindo as faculdades negras.

Depois que deixou a presidência da OESA, (seu sucessor no cargo foi Barney Pityana), Biko voltou suas energias para a implantação dos Programas da Comunidade Negra (BCP). Esses programas eram centralizados na igreja da Leopold Street em King Willian's Town e incluíam vários projetos de auto ajuda negra, como cursos de alfabetização, corte e costura e educação sanitária. Um dos principais projetos na área de saúde era a clínica Zanampilo, em King Willian's Town, onde milhares de negros da zona rural eram atendidos.

O governo racista, evidentemente, via perigo nas atividades de Biko e o perseguia. No ano de 1973, ele estava entre dezesseis ativistas, brancos e negros, que foram banidos pelo governo. No total, foi proscrito e detido quatro vezes. Essa pena de proscrição, que era imposta pelo governo racista aos ativistas anti-apartheid, consistia no confinamento em determinada área ou cidade e, consequentemente, na proibição de se movimentar pelo país. Ela incluía também a proibição de estar com mais de uma pessoa ao mesmo tempo, de publicar textos e outras. Por força disso, ele foi obrigado a abandonar Durban, onde vivia, e transferir-se para King Willian's Town. A cidade tornou-se então um

BOCADA FORTE desde 1999

Pode crê!

Foto: MÁRIO ESPINOSA

Parte integrante da revista **Pode crê!** nº 2. Não pode ser vendido separadamente

ponto de referência para onde se dirigia um interminável fluxo de visitantes para ouví-lo.

A morte de Biko foi também uma conseqüência indireta dessa pena de banimento, uma vez que, apesar da proibição, Biko continuou se movimentando pela África do Sul, exercendo o seu papel de dirigente e organizador do Movimento Consciência Negra. E foi no dia 18 de agosto de 1977, durante uma dessas viagens, que Steve Biko e seu amigo Peter Jones foram detidos em um bloqueio rodoviário da polícia de segurança, perto de Grahamstown, na Província do Cabo Oriental. Dalí eles foram levados para Port Elizabeth, cuja polícia tinha fama de agir com extrema violência. No dia 6 de setembro, ele foi submetido a 22 horas de interrogatório, durante as quais foi torturado e espancado, vindo a falecer no dia 12. A partir daí, a estrutura organizativa do Consciência Negra seria esmagada e seus líderes perseguidos.

Consciência Negra - O jornalista branco sul-africano Donald Woods, diz que a idéia que estava por trás da Consciência Negra era romper quase inteiramente com as antigas atitudes negras em relação à luta pela libertação e estabelecer um novo estilo de auto-confiança e dignidade para os negros, como uma atitude psicológica que levasse a novas iniciativas. O primeiro manifesto da OESA, criada em 1969, data de 1971. Ela seria a ponta de lança de um movimento muito mais amplo do qual se reivindicariam organizações como a BCP - Black Community Programmes (Programas da Comunidade Negra), BAWU - Black Allied Worker's Union e NAYO - National Youth Organization, todas agrupadas dentro do BCP - Black People Convention. Ao contrário de Woods, Barney Pityana diz que Consciência Negra não teve nada de novo. O movimento, segundo ele, tinha plena consciência de pertencer a uma longa tradição de resistência popular, que buscava inspiração no etiopismo e outros movimentos proféticos religiosos africanos, nas lutas pela terra que deram impulso ao Congresso dos Nativos da África do Sul (nome original do CNA), africanismo e em muitas outras tendências.

Biko foi provavelmente o primeiro dirigente político negro da África do Sul a questionar publicamente o papel dos liberais brancos na luta contra o regime racista dos africâner, apontando a necessidade dos negros construírem suas próprias organizações. Ele acreditava na viabilidade de uma estratégia de libertação sem violência, propondo-se a atuar dentro dos limites da legislação vigente no país. Vejam como o próprio Biko fala de sua concepção de luta: "Na verdade, como enfatizamos, nós do Consciência Negra éramos considerados como defensores do sistema. Os liberais nos criticavam e os conservadores nos apoiavam. Mas isso durou pouco. O governo levou 4 anos para tomar medidas contra nós. Mesmo hoje (1977) ainda somos acusados de racismo. Isso é um erro. Sabemos que todos os grupos inter-raciais na África do Sul reproduzem relações nas quais os brancos são superiores e os negros inferiores. Para nós isso significa que a África do Sul não é européia, mas sim africana. Gradualmente isso começou a fazer sentido. A Consciência Negra ganhou impulso, mas ainda enfrentavamos o problema prático de que maioria das pessoas que falavam eram estudantes ou diplomatas. Não havia debate amplo. Por essa razão tivemos que ir da OESA para a organização da Convenção do Povo Negro, de modo que as massas pudessem envolver-se com o desenvolvimento de um nova Consciência. A CPN foi fundada em 1972. Foi então que o governo começou a entrar em ação, proscrevendo líderes individuais da CPN".

"Assim, como um prelúdio, os brancos devem ser levados a perceber que também são humanos, não superiores. O mesmo com os negros. Eles devem ser levados a perceber que também são humanos, não inferiores"

O Consciência Negra nasceu e se fortaleceu entre o final da década de 60 e o início dos anos 70, um período durante o qual o regime racista sul-africano havia conseguido prender, proscrever ou banir do país as principais lideranças tradicionais dos negros, como Nelson Mandela, do CNA (Congresso Nacional Africano) e Robert Sobukwe, do CPA (Congresso Pan-Africanista, uma antiga dissidência do CNA). Nessa época, o Partido Nacionalista Africâner, no poder desde 1948, tentava aprofundar a política do apartheid, que entre outras coisas tinha o objetivo de tornar os negros sul-africanos estrangeiros dentro do seu próprio país. O movimento consciência negra tinha uma estratégia contra essa política de bantustanização e inferioridade racial, realizando reuniões, palestras, discussões e, particularmente, mobilizações escolares como forma de criar consciência e unidade.

O levante popular de Soweto, ocorrido no verão de 1976, apesar de espontâneo, foi em grande parte conseqüência da ação conscientizadora da Consciência Negra. Ele aconteceu quando o governo racista tentou impor o afrikaans, a língua dos boers, como idioma oficial das escolas da África do Sul. Um protesto pacífico de estudantes negros contra a medida foi afogado em sangue pela polícia do governo racista, resultando na morte de 600 manifestantes. Soweto foi ponto alto de um processo de retomada das lutas de contestação ao regime racista, depois do fracasso da luta armada empreendida pelo CNA e PAC, organizações proibidas e que atuavam na clandestinidade. Iniciada por sucessivas ondas de greve realizadas pelos trabalhadores negros nos primeiros anos da década de 70, esse movimento marcaria o ingresso das massas no cenário político da África do Sul, abrindo caminho para as grandes transformações que assistimos agora naquele país.

BOCAIUVA FORTE desde 1999

STEVE BIKO

Um pouco de história

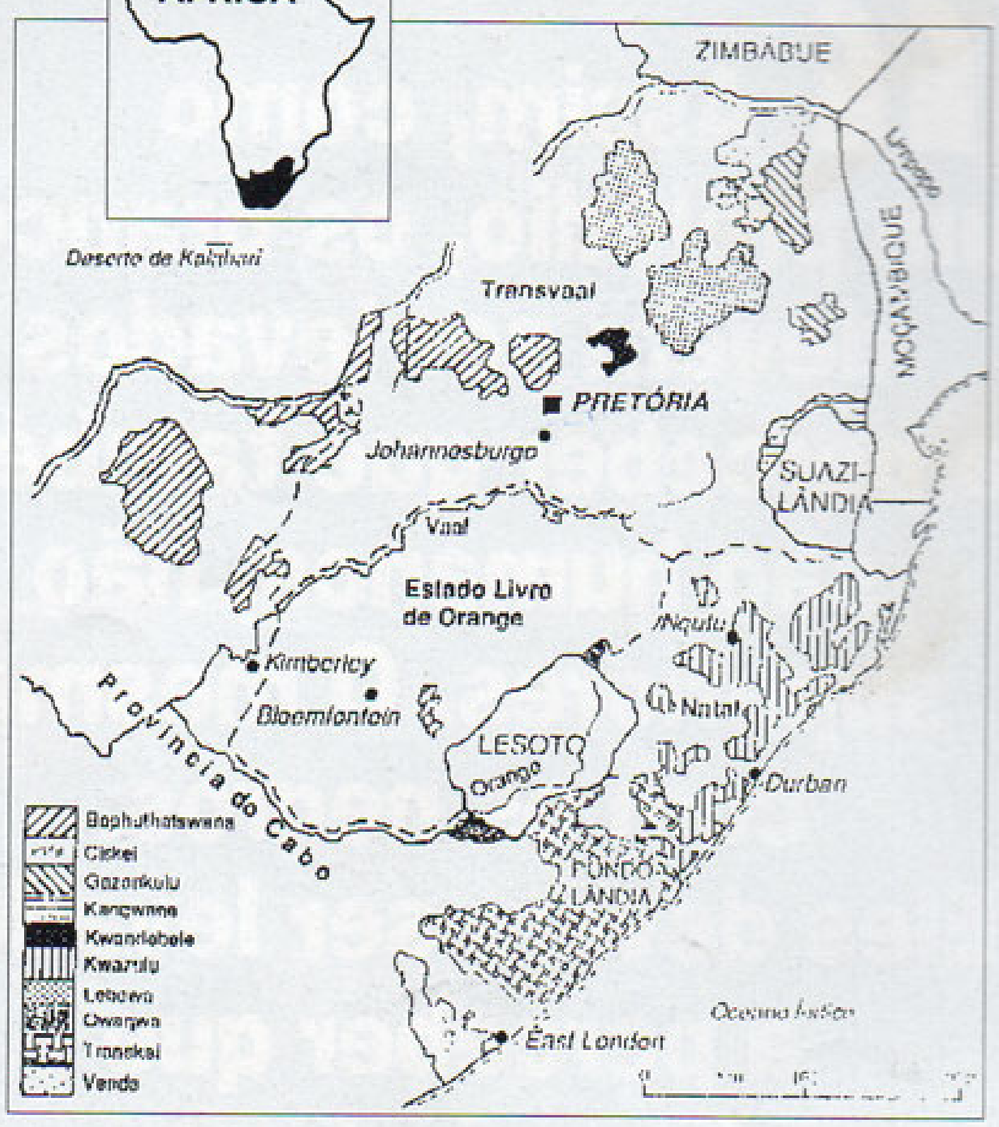
BOCADA FORTE desde 1999

A colonização da África do Sul começou na cidade do Cabo, extremo sul do país. Em 1652, a Companhia das Índias Orientais, empresa de exploração colonial pertencente ao governo holandês, estabeleceu no local onde hoje é a cidade uma base portuária para reabastecimento dos seus navios. Depois, essa ocupação foi reforçada com a vinda de colonos alemães e franceses, muitos deles fugindo de perseguições religiosas na Europa. Da fusão desses grupos, foi surgindo aos poucos um novo grupo cultural branco, que desenvolveu uma língua própria, o africâner, uma mistura de holandês com alemão.

A convivência entre os colonizadores e os povos que habitavam a região foi pacifica inicialmente, mas isso durou pouco. A penetração colonial provocou inevitáveis confrontos, inicialmente com os hotentotes e os bosquímanos, que acabaram fugindo ou reduzidos a condição de escravos. O principal problema era que os colonos e a Companhia das Índias, necessitados de mão de obra, queriam obrigar essas tribos a abandonar seus hábitos seculares de caça e pastoreio para se tornarem sedentárias. Mas a expansão da colonização holandesa na região iria continuar, encontrando mais ao norte os xhosas, um povo de tradição guerreira que conhecia e praticava a pecuária e cujas terras, de boa qualidade, eram muito cobiçadas. Os xhosas resistiram heroicamente, primeiro aos boers (como se denominavam os colonos de origem holandesa) e depois aos ingleses. Mas foram derrotados.

A ocupação inglesa da África do Sul iria começar por volta de 1795 quando os holandeses, com medo de ver seu comércio marítimo prejudicado pela expansão napoleônica, pedem a proteção da Inglaterra. Imediatamente, os ingleses, que tinham mais dinheiro, mais força militar e técnicas mais avançadas, desembarcaram no Cabo e começaram a impor o seu projeto de colonização. Em 1815, toda a colônia passou ao domínio britânico, com o inglês se tornando a língua oficial da África do Sul. Os ingleses também aboliram a escravidão e implementaram uma relativa liberdade de imprensa.

A convivência entre boers e ingleses era difícil. Tão difícil que em 1836 10 mil colonos boers iniciaram uma retirada da Colonia do Cabo em direção ao norte, ao interior do país, que ficou conhecida como "a grande viagem" (Grand Trek). Nesse êxodo, os boers vão encontrando resistência dos povos locais, como os ntabeles e depois os zulus. Em dezembro de 1838, depois de uma resistência heróica que causou a morte do líder boers Pieter Retief, os zulus foram derrotados e um novo líder boer, Andries, funda em 1839 a República Independente do Natal. Mas a Inglaterra, alegando que os boers eram súditos de seu império, iria ocupar e anexar a região. A grande maioria dos boers recusou essa situação e mais uma vez imigrou, fundando outras três repúblicas ao norte do rio Vaal, afluente do Orange. Em 1852, a Inglaterra reconhece a Independência do Transvaal e em 1854 do Estado Livre de Orange.



A Colônia do Cabo, dotada a partir de 1853 de um regime representativo, concede os negros direitos iguais aos dos brancos, embora ainda limitados pela existência do voto censitário (só tinha direito a voto quem estivesse acima de determinada posição econômica). A mesma coisa acontece em Natal, embora com maiores restrições. Mas nos estados criados pelos boers já começam a aparecer as raízes daquilo que viria a se tornar o apartheid. Mas a descoberta de ricas jazidas de ouro e diamantes na segunda metade da década de 1860 ao norte da África do Sul iria despertar o interesse da Inglaterra, e iniciaria um processo que levaria às chamadas guerras boers, que duraram até 1902, quando um tratado deixou as terras com os boers e as minas com os ingleses.

Apesar da hegemonia política inglesa, a população boer era maior. Por isso, ela consegue exercer uma pressão que leva, em 1910, a formação da União Sul Africana, com um governo autônomo como o Canadá e a Austrália. Esse gradativo estabelecimento de uma hegemonia dos boers foi acompanhado da redução dos direitos dos negros. Já em 1913 o direito de propriedade da terra pelos negros foi limitado a áreas específicas, que correspondiam a pouco mais de 10 por cento do território do país. Em 1914, uma corrente mais radical dos boers iria lançar o Partido Nacional Africânder, que usando uma fórmula que combinava nacionalismo africâner com fanatismo anti-negro, chegaria ao poder em 1948, iniciando a implantação da política do apartheid. Klaas de Jonge, no livro "Africa do Sul- Apartheid e Resistência", diz que no período transcorrido entre 1948 e 1961 o estado sul-africano fez de tudo para estimular o desenvolvimento da indústria e do comércio africâner e deu início a uma ofensiva contra o nível de vida dos negros que deveria durar mais de quatro décadas. Logo nos primeiros anos do governo nacionalista, conta De Jonge, o declínio dos salários reais dos negros acompanhou o crescimento rápido do lucro das empresas. Novos mecanismos de subordinação da força de trabalho negra aumentaram o contingente de mão-de-obra à disposição dos fazendeiros, enquanto o aparelho burocrático era inflado para fornecer emprego aos trabalhadores africaners. Essa hegemonia branca seria garantida por meio da institucionalização da segregação, baseada numa legislação discriminatória.

OBRAS CONSULTADAS

■ "Apartheid - O Horror Branco na África do Sul", de Francisco José Pereira. Coleção Tudo é História. Editora Brasiliense, 1985.

■ "O Apartheid", de Marta Maria Lopes. Atual Editora, 1990.

■ "África do Sul, Apartheid e Resistência", de Klaas Jonge. Cortez Editora e Eboh Livraria e Editora, 1991.

■ "África do Sul - História de Uma Crise", de René Lefort. Editora Antidoto, Portugal, 1970.

"Escrevo o Que Eu Quero". Seleção dos principais textos de Steve Biko. Editora Ática, 1990.

■ "Biko - A História do Líder Negro Sul-africano Steve Biko", de Donald Woods. Editora Best Seller, 1987.

■ "O Mundo Hoje/93". Anuário Econômico e Geopolítico Mundial. Editora Ensaio.

O SAMBA É BOM

COMPREM OS DISCOS E VEJAM OS SHOWS

TAMBÉM TEMOS - RAP NACIONAL E IMPORTADOS
DANCE MUSIC - CD'S - DISCOS - FITAS - VÍDEOS
JUMPERS - JAQUETAS E CAMISETAS DA LINHA ROOTS

COLORS DISCOS
R. Dr. Quirino, 1420
Centro - Campinas -
S.P. - CEP. 13015-082
Fone:32-5177 (0192)
Fax:32-2878 (0192)

"Nem A, nem B, nem C, só se for D" é o título do mais recente trabalho do Vítima Fatal. Integrado por DJ Q.A.P. (19 anos), MC Diwcy (21 anos) e Dee Mau (22 anos), este grupo hoje integra o rol inconstante da fama do rap nacional. Cantando o hino da rapaziada rap, "Verde Amarelo", eles se consideram rappers nacionalistas, deixam claro que não gostam muito da palavra radicalismo e temem a massificação negativa do rap, onde todos cantam a mesma coisa e do mesmo modo.

Os integrantes do Vítima Fatal parecem bem abertos às inovações e alterações no quadro de rap nacional. Por conta disso, até defendem, ao contrário da maioria dos rappers, os brancos que se dizem negros no palco cantando rap. Como sugere o próprio nome, dizem representar todos os brasileiros que se tornam vítimas do tão cantado sistema opressor.

Produzido pela Five Star, o grupo já conquistou o rádio e os bailes com suas músicas. Com dois anos de existência, o Vítima Fatal tem como integrante mais conhecido Dee Mau, o autor do "Rap da Abolição", que foi a marca registrada do grupo Os Metralhas, lançado em 1988 pela Chic Show. Mas tudo indica que de seus primeiros contatos com o movimento, ele não guarda boas lembranças. Mesmo sem entrar em detalhes, deixa transparente que descobriu que "onde há união, também há podridão". Vindo do espaço das ruas, do tempo da 24 de Maio, lugar de Nelson Triunfo, Funk & Cia, onde o que contava realmente eram as amizades, quando se viu diante da realidade da ganância e do dinheiro, Dee Mau procurou mesmo foi ficar bem longe do movimento. Dee Mau agradece a insistência do Diwcy, amigo de tempos, que o convenceu a começarem um lance diferente, um trabalho novo que não envolvesse o "radicalismo bitolado da época". Queriam uma coisa básica: conscientizar através da mídia e, para conquistá-la, precisariam de um trabalho pesquisado e inteligente. Para isso, escutaram de tudo: Racionais, Thaíde e DJ Hum, DMN, Face Negra, e tudo o que explodia e acontecia ao seu redor. Com o DJ de nome estranho, Q.A.P. (que significa ligado, atento), iniciaram o tal lance diferente. Decidido e com boa dose de vontade, nascia o Vítima Fatal que segundo eles, vinha para morder e não para mastigar. E a **Pode crê!** traz para você, a entrevista exclusiva com eles. Confira!

Pode crê!: *Sobre o nome do disco "Nem A, nem B, nem C, só se for D, dê uma explicação?"*

O GRUPO QUE VEIO PARA MORDER E NÃO PARA MASTIGAR

Dee Mau: A gente quis dar uma idéia de classe social. O sistema opressor não quer que façamos parte nem da classe A, nem da B, nem da C, só se for da D. E D eu digo só se for a pior das piores; quer dizer, no real as classes são A, B e C e no caso o D dá duas idéias, um duplo sentido.

Pode crê!: *Sabendo que o Dee Mau começou sozinho, tendo participação no primeiro disco de rap nacional da Chic Show, escrevendo o seu próprio rap e o dos Metralhas, que estourou na época, como se deu o encontro com as outras pessoas que hoje formam o Vítima Fatal?*

Dee Mau: Na realidade eu havia feito todo esse trabalho e tinha ficado esse crédito no meio, esse crédito por ele ter acontecido, não comigo, mas com os Metralhas e desta forma me proporcionando a oportunidade de estar no meio e fazer parte desse movimento. Mas isso me deu um certo susto porque onde existe a união existe a podridão. Então a minha visão era política, eu ficava mais preocupado com o que acontecia nos camarins do que propriamente com o que acontecia fora deles. Isso me assustou e eu resolvi dar um tempo e deixar o movimento rolar. E foi quando veio este monte de gente que está ai acontecendo, essa série de coletâneas. Aí o Diwcy, depois de um ano, foi em casa naquelas de me alertar de tudo o que estava acontecendo e tal, que ele estava no meio do movimento, nos bailes com o Q.A.P. Ele chegou para mim com a proposta de fazer um lance legal, só que ele, o Diwcy, estava bitolado no radicalismo total que estava pegando, e não era por ai. Sabia que o movimento era radical e tinha que ser consciente. Mas do jeito que ele estava querendo passar as mensagens seria um radical que não seria aceito. Se eu me conheço bem, eu parei por causa disso, porque a mídia não daria espaço para quem viesse desse jeito. Então eu disse: vamos fazer! O lance era radical, mas um radical suave, falando do sistema em si mas de uma forma mais "na manha", mais calma.

Pode crê!: *Você pode explicar melhor essa coisa de "onde há união há podridão"?*

Dee Mau: Bom, união eu digo dos rappers lutarem em prol do mesmo ideal, conscientizar. Podridão é o lado capitalista selvagem, o meio que envolve dinheiro. Você gosta de compor, cantar e auxiliar produções mas é leigo no que se refere a fonografia, vendagem de discos, essas coisas... então é nessa hora em que você peca e as raposas aparecem. O cara sabe que você tem capacidade, condições de encarar profissionalmente, mas prefere puxar seu tapete do que dividir o que rola: "não é que você tem direito a esse x, a porcentagem de x deu x". Quer dizer, você acaba não entendendo nada. Se em selo grande é complicado, imagine independente. Eles implantam uma imagem de estrelismo em você para te deixar inibido e não recorrer aos seus direitos. É esse lado que eu chamo de "podre".

Pode crê!: *O que é radical para você?*

Dee Mau: Radical é não dar margem a outras opiniões, é se auto-afirmar como dono da realidade; é não saber bem o que se quer, mas ter certeza do que não quer. Isso é o que eu tenho como radical.

Pode crê!: *O estilo que vocês seguem pode ser considerado radical?*

Diwcy: Um radical suave, tipo Boggie Down, Heavy D. e outros. Essa palavra radical pode ter vários significados no rap.

Pode crê!: *Como foi pensado o disco de vocês?*

Dee Mau: Veja bem... antes de se fazer houve realmente uma análise: escutamos Thaíde e D.J. Hum, Racionais, Baseado nas Ruas, Sampa Crew, D.M.N., Face Negra, analisamos e tentamos o máximo nadar numa praia diferente. Nós

IMA FATAL

VÍTIMA FATAL

nos consideramos rappers nacionalistas e nos baseamos em nossa própria realidade. Eu acho que infelizmente muitos irmãos estão viajando nos clips internacionais, sem querer saber, e nem ao menos entender, o que os caras falam. Procuram assimilar só a agressividade do clip e acham que é aquilo e pronto; e não sabem que naquelas imagens existem mensagens conscientizantes.

Pode crê!: *Já que se consideram um grupo nacionalista, porque vocês ainda não utilizaram bases de música brasileira?*

Dee Mau: Na realidade a gente tentou, pesquisou o máximo, tanto que o *sampler* que a gente usou (Brasil) nós buscamos num LP de samba de 1900 e trá, lá, lá. Quer dizer, pesquisar o máximo foi a nossa intenção. É que as idéias que tínhamos de músicas nacionais não batiam com as bases que tínhamos em mente. Por exemplo, nós somos muito a favor das idéias de Caetano Veloso e tentamos samplear uma parte de sua música que diz "Alguma coisa está fora da ordem" mas o *pitch* não batia. Então improvisamos. Sentimos várias vezes essa dificuldade, mas mesmo assim nós nos sentimos rappers nacionalistas.

Pode crê!: *Em matéria de música você acha que temos recursos?*

Dee Mau: Sim, muitos recursos. Matéria-prima nós temos de sobra. O que eu acho que falta é nós exercitarmos mais a imaginação. Hoje os produtores estão mostrando dedicação. Quem antes não tinha muita afinidade, hoje já encara o rap como primeiro plano e isso é ótimo.

Pode crê!: *O nosso rap está para melhor ou para pior?*

Dee Mau: Para melhor, é claro! O que eu acho é que precisamos tomar muito cuidado para que tudo não caia no modismo, pois moda é moda e movimento é movimento, mas muitos não têm consciência desse perigo. É como diz o mano Thaíde: " O Hip Hop não pára". Eu concordo com ele. Muitos grupos vêm se destacando e isso é muito bom. Mas acho que alguns deveriam realmente encontrar a sua própria indentidade, porque no futuro haverá a tão famosa e temida peneira, né? E nessa hora os covers, mano, com certeza vão dançar.

Pode crê!: *Como vocês vêem o movimento Hip Hop, em especial o rap, com suas produções, letras e performances de palco?*

Dee Mau: Tem muita gente querendo fazer rap, mas se você perguntar por que, o cara não saberá responder. O que o mano quer é aparecer na capa, a voz dele no vinil e pronto. De repente, nem se preocupa se amanhã irá vingar ou não. Infelizmente, a coisa rola assim. Muitos não conseguem unir o útil ao agradável. Ele consegue passar na base ou nas letras, mas a personalidade dele não é compatível com o que foi feito. Ou inverte: tem a personalidade forte, sabe o que quer, mas não consegue passar para o disco. Os que se destacam são os que conseguem unir tudo isso. E quanto ao movimento Hip Hop, temos uma grande preocupação em relação às pessoas que diferenciam o Hip Hop do rap. Por exemplo:"você é dançarino, ele é grafiteiro e eu sou um M.C., somos diferentes!! Não... Não somos diferentes, essa é a grande verdade, somos Hip Hop, essa é a nossa família".

Pode crê!: *O LP do Vítima Fatal saiu pelo selo de uma das maiores equipes de bailes do país. Como é trabalhar o rap protesto, que pelas gravadoras é consi-*

DJ'S FRIENDS

(CURSO PARA DJ'S)

DISCOS IMPORTADOS E NACIONAIS, CAMISAS, BONÉS, FELTROS,
PROJETOS DE CAIXAS DE SOM PROFISSIONAL E RESIDENCIAL.
EQUIPAMENTOS, MANUTENÇÃO, COMPRA E VENDA
FESTAS EM GERAL

DJ Samuel, DJ Marcelo e DJ Germano
Tel. (021) 571-2299
Rua Conde de Bonfim, 690 Lj.5 - Tijuca - RJ

derado o tipo de rap que não vende?

Dee Mau: Eu acredito que eles não pensem que não seja viável. É viável sim, mas de forma inteligente, não massificante. É o que eles dizem. Existem algumas divergências, o que é natural, mas eu acho que eles entendem o nosso ponto de vista, que deve coincidir com o ponto de vista deles.

Pode crê!: *Então na gravadora não teve a coisa de quem banca dá as ordens?*

Dee Mau: Não porque antes de fazer o trampo a gente analisou o tipo de gravadora e o que eles estavam querendo. Não que a gente negasse as nossas idéias e sim porque nós concordamos com algumas da gravadora. Bateu a filosofia da gravadora com o pensamento do grupo. O disco saiu bem variado e costumamos dizer que estampamos nossa cara no vinil. Conseguimos passar o que vemos como realidade. "Verde Amarelo" por exemplo, é uma delas, diversificamos bastante os temas, falamos do sistema, dos breakers e da polícia da forma que a gente gosta de falar.

Pode crê!: *E como estão as apresentações do grupo?*

Dee Mau: Nós tínhamos uma certa dificuldade pois a base de tudo era "viemos para morder não para mastigar". Esse era o nosso único pensamento. Não esperávamos a coisa da forma que está. O movimento aumentou de uma hora para outra e tínhamos que nos estruturar para encarar profissionalmente. Então colocamos a bola no chão: precisamos do que? Visual? Como está o D.J.? E o nosso vocal? Está bem? Enfim, tudo isso. No disco, o que havia para ser feito foi feito. Agora a nossa maior preocupação é a estrutura de palco: não queremos ficar devendo porque o público não está marcando.

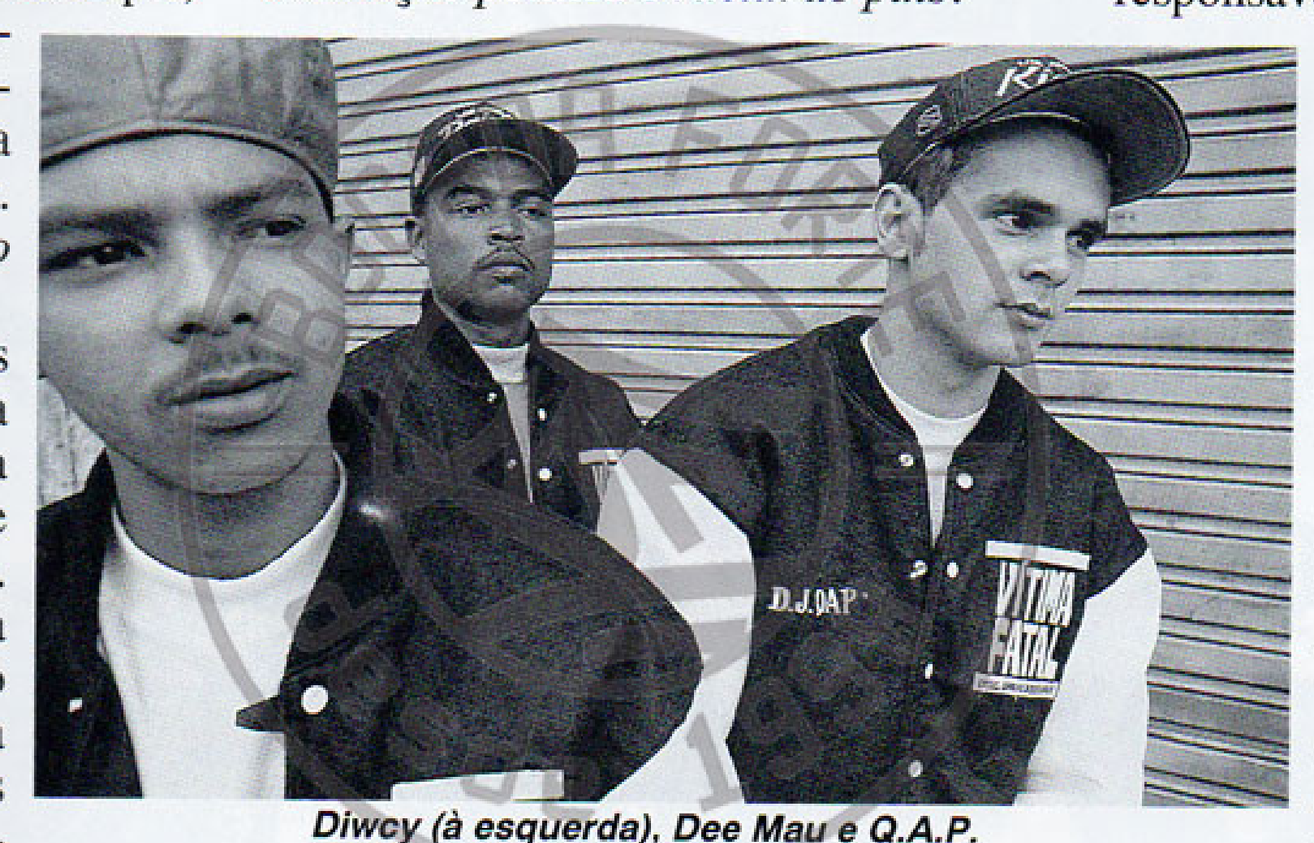
Pode crê!: *O grupo já teve alguma desilusão de palco?*

Dee Mau: Que eu me lembre, não. O máximo que aconteceu foram *scratchs*, colagens que não entraram no momento certo, coisa que já aconteceu com qualquer outro grupo, creio eu. Você tem que ter domínio da situação, tem que sentir que o artista é você, fazer com que o público olhe para você e não você para o público. Você é o cara que está ali para as pessoas olharem. Se elas perceberem que você não está preparado, meu amigoooo!... sabe lá o que pode acontecer.

Pode crê!: *Como vocês sentem a questão racial no Brasil?*

Dee Mau: Na questão do racismo em si, a nossa maior preocupação é essa coisa de massificação. Eu acho que deveríamos nos valorizar, mas de forma inteligente. E vejo que estão massificando de forma negativa. É aquela coisa de que o cara viu as imagens na televisão, não quis nem saber, aproveitou o clima. A TV mostra a imagem de um dos nossos líderes negros assassinado na África, mostra também o negro americano num conflito, e então esse mano sai para a rua dizendo o que acha e o que deve falar, baseando-se em imagens. Hoje no rap mais da metade dos grupos se baseia em preconceito racial, mas muitos não sabem separar preconceito de racismo. Eu penso que se continuarem massificando da forma que estão, quem não era racista vai acabar ficando.

Pode crê!: *O rap é capaz de mudar a situação política e racial do país?*



Diwcy (à esquerda), Dee Mau e Q.A.P.

Dee Mau: Sim. O lado rap radical tem essa finalidade: alertar, conscientizar. Atualmente querer isso é querer modificar. Muitos nos têm como marginais, rebeldes sem causa, mas infelizmente desconhecem que o rap tem como finalidade conscientizar a massa carente do seu papel como cidadãos.

Pode crê!: *O Dee Mau e o Diwcy são negros e tem um DJ branco. Já houve comentários por causa disso?*

Dee Mau: O nome Vítima Fatal, já deu uma idéia de vítimas em geral, independente de ser negro ou branco. Somos todos de periferia e a periferia brasileira é muito diferente das outras. O preconceito é evidente, é lógico, existe. Está mais que na cara. Mas na nossa periferia é tudo muito dividido: eu estou ferrado, mas o meu vizinho ao lado é branco e está como eu. Lógico que ele não enfrenta a coisa de pele, mas tem conhecimento da minha dificuldade, ele também não está bem. Enfim, o que eu quero dizer é que a realidade do centro é uma, a nossa é outra. No centro o preconceito é muito mais eficaz. Então no lance de show, nunca teve *essas*, porque a gente procura ao máximo se relacionar bem. O Q.A.P. convive na periferia junto conosco e não o vejo como uma pessoa preconceituosa.

Pode Crê!: *A miscigenação dá o direito da pessoa não se achar negra?*

Diwcy: Eu poderia falar que não sou negro, pois sou mais claro, mas eu digo que sou sim. Convivo com negros, é mais uma questão de espírito e não de pele, tanto que você vê nos bailes os manos cantando: "Nós negros!!!", e o cara é branco descendente de alemão. Mas você não vai recriminá-lo, porque na realidade ele é branco mas tem consciência negra.

Dee Mau: Para o negro se afirmar como negro, independente de ser claro, eu acho que é uma coisa que vem de casa, uma questão de família. A criação é responsável por isso. Somos espelhos de nossos pais. Quando criança não temos noção de nada, são os pais que dizem: "Você é isso, você é aquilo".

Pode crê!: *O Vítima Fatal não é um grupo que carrega a filosofia de que o rap tem que ser feito por negros?*

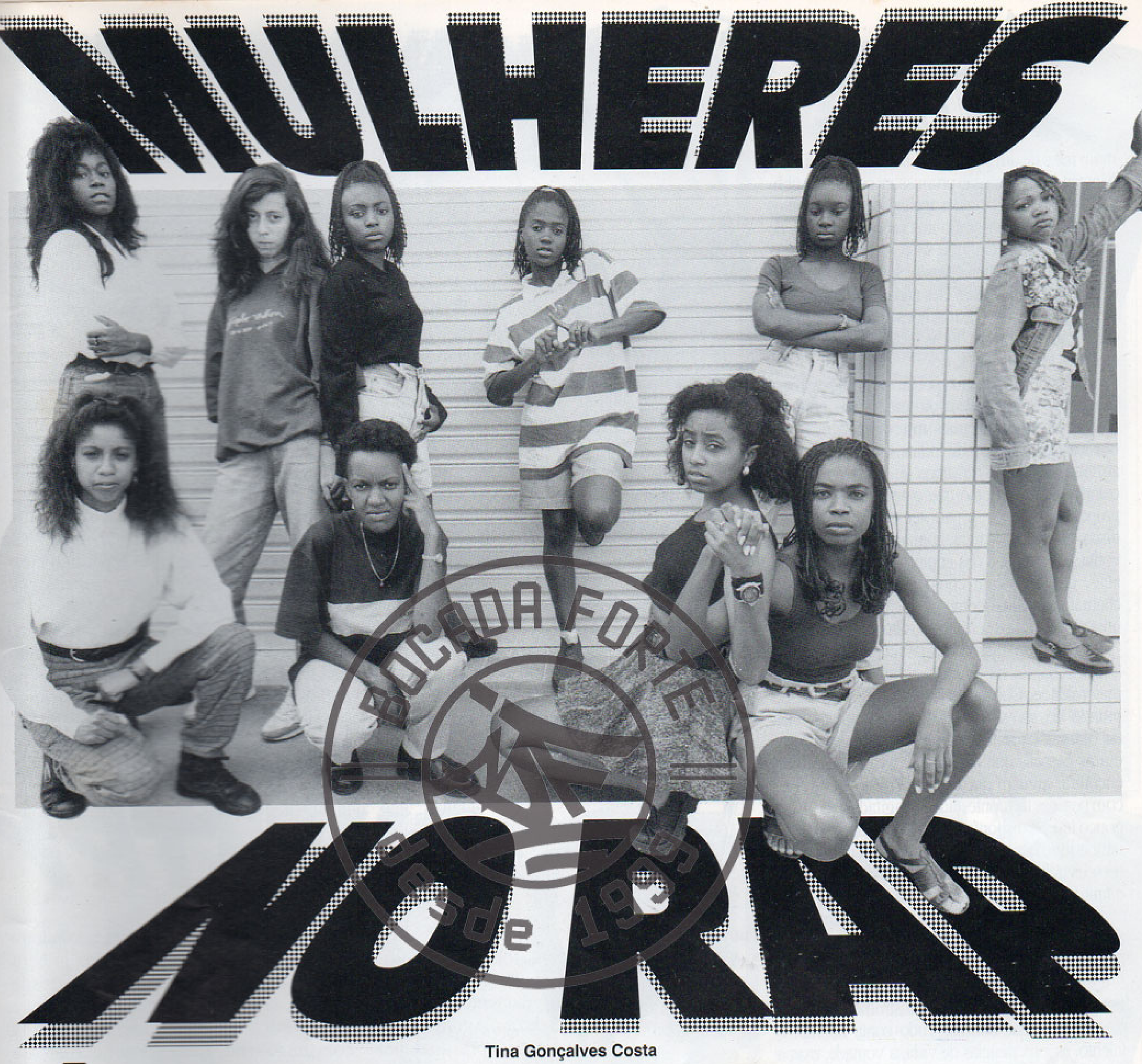
Dee Mau: O rap vem de raízes negras, mas não podemos limitar o seu segmento. A música não tem fronteiras. O ritmo vem da África, mas quando chega na Europa ele é outro e quando vem aqui para a América tem outra cara. Então não tem essa de "isso é de branco e isso é de negro". No fim todo mundo acabará cantando rap, e isso é bom para todos.

Pode crê!: *Uma mensagem do grupo.*

Dee Mau: Tem um lance em uma música que infelizmente não foi incluída nesse LP, ela diz o seguinte: "Cantar um rap não é jogar palavras pelo ar/É mais do que isso/É ter um compromisso/É assinar embaixo/Frente a uma grande família/ que canta, que luta/Sempre em prol da paz coletiva/Cantar um rap/É unir o útil ao agradável/Conscientizar, reivindicar/ Isso é inevitável/É estar de prontidão/ Estendendo a mão amiga/Provar que em todo o labirinto/Existe uma saída/Um lugar onde todos vivam sorridentes/Som que antes foi descrente/Hoje tem alta patente/É por isso que seguimos em frente/É como se diz/Um som que tem raiz tem que perpetuar/Quem não se toca não toca/Mas tem que se tocar/Tem que divulgar para melhorar/Cantar um rap/Não é jogar palavras pelo ar..."

NEW GENERATION RECORDS
A NOVA GERAÇÃO EM
BLACK E DANCE MUSIC
DISCOS NACIONAIS E IMPORTADOS
BLACKMUSIC, RAP, RADICAL,
MELODIAS E DISCOS RAROS.
TROCA - VENDA - COMPRA
AS MAIS VENDIDAS
BY DJ'S PAULINHO, DARIO E COQUIN
º CLUB HOUSE - GANGSTER MAD
º SAMPA CREW - SE ME LEMBRO FAZ DOER
º CHUBB ROCK - YA BA DA BA DOO
º CINTIA HINDS - LET'S FALL IN LOVE AGAIN
º MAD COBRA - FLEX
6º VÍTIMA FATAL - OH DEUS!
7º BOSS - DEEPER
8º RUN DMC - WITH KINGS 93
9º NAUGH BY NATURE - HIP HOP HOORAY
10º HEAVY D e THE BOY LOVE SEXI
BOCADA FORTE
desde 1999
TUDO EM LANÇAMENTO DE VÍDEOS CLIPS CAMISETAS E FEUTROS
RUA 24 DE MAIO, 62 - LOJA 40 - CENTRO - SÃO PAULO

MULHERES DO RAP



Tina Gonçalves Costa

Umas famosas, outras nem tanto. Algumas radicais, outras românticas. Mas todas conscientes de que precisam de muita força para lutar pelo seu espaço. São as mulheres do rap

Elas compram discos, fazem "rolos", escolhem bases e fazem suas próprias letras com a seriedade, conteúdo e a imaginação que isso necessita. Ouvem Public Enemy, Racionais, 105 FM; sabem de cor a história de Malcolm X, usam broches e bonés.

Carregam aqueles pesados malotes de discos, andam madrugadas afora nos bailes e, por mais desagradável que seja a situação na hora do show lá estão elas, completamente à vontade com o público e usando a força do rap para denunciar, reivindicar e informar.

E visto por esse ângulo, é claro que elas merecem o mínimo de oportunidade para mostrarem seu trabalho e provarem que são as mulheres do rap. Mas só tem um pequeno empecilho: os homens do rap. Exatamente eles, que andam de blusões, tênis da NIKE e cabeças raspadas. Os "irmãos", os "manos", os que devido a influência americana, acabam adotando algumas palavras como um vocabulário próprio de rappers. Mas, nenhuma palavra deve incomodar mais as garotas do que a mais falada por eles. É só passar uma garota que eles logo dizem:

"Bitch!!". O que Bitch! quer dizer? Talvez nem eles mesmo saibam, mas essa palavra se tornou um giria que denomina qualquer menina que não se enquadre nos padrões "normais"; já para os Doctors Mcs são garotas sem-vergonha.

Trabalhando duro num mercado tão fechado e incentivadas pela explosão de grupos femininos nos EUA, as garotas cada vez mais ficam comuns nos palcos. Algumas assumindo uma posição completamente política e outras mais amena, as rappers parecem ter sempre a mesma reclamação: o forte preconceito e as restrições que as atingem. Independente do estilo que sigam e do melhor que dão de si, os homens sempre procuram seus defeitos e as falhas quando estão no palco, esquecendo que às vezes, eles próprios estão sujeitos a falhas e erros, comuns no mundo improvisado dos shows ao vivo.

É quase impossível de se avaliar quem ganha e quem perde com a introdução das mulheres no rap e se manter imparcial. É claro que ainda elas causam um pouco de confusão, mas não se pode negar que elas trazem a inovação e uma proposta de trabalho que vêm alcançando uma parcela substancial do público que antes não se identificava com os rapazes de blusões. A verdade é que elas conseguem falar sobre os mesmos assuntos, utilizando letras e bases que se aproxi-

MULHERES NO RAP

mam mais de um perfil ainda não tão radicalizado. Mantendo uma relação promissora com esse público, o que é visto diante a aceitação, parece que os maiores problemas estão nos próprios colegas de trabalho, os rappers, que só conseguem ter uma consideração média quando se fala em DJs e dançarinas. Com essas, eles não correm o risco de terem suas posturas de machões arranhadas, já que elas ficam sempre de bocas fechadas, que não é o caso das temidas MCs.

Apelidadas de uma porção de nomes, e mesmo com o mínimo de apoio moral e econômico, elas estão cada vez mais inseridas no mercado musical que, ao que tudo indica, finalmente está se abrindo para seus trabalhos. É claro que numa coletânea elas só terão que competir com 4 ou 5 grupos masculinos, e para ter chance de sair no disco precisarão contar com um pouco de boa vontade e simpatia das equipes de som. Equipes, aliás, que as tratam como peças decorativas e chamativas. Afinal, como propaganda, um rosto ou uma voz feminina sempre causam um bom efeito.

Numa maratona desgastante, elas conciliam o trabalho, os estudos, o rap e, às vezes, a maternidade. Como todo mundo que vive nesse mundo de shows, ensaios e madrugadas, elas encontram barreiras para se relacionarem com outras pessoas que não sejam do meio. É difícil encontrar alguém que esteja disposto a conviver com pessoas tão contestadoras, agitadas e com tão pouco tempo disponível. Porque, afinal, qualquer tempo livre que tenham têm que estar aprimorando seus trabalhos para provarem que são tão boas quanto o que se tem no mercado.

Mas a preocupação maior dessas garotas é a falta de capacitação profissional de todos nesse meio. Seria necessário, segundo elas, um aperfeiçoamento musical para os rappers. Profissionalização no canto, em instrumentos musicais, sons, e nas danças. Tudo conta no rap: o talento, as experiências de vida, a vontade, mas a profissionalização seria um trunfo que poderia ser usado no aprimoramento das produções, que ainda estão muito distantes das produções estrangeiras.

Ainda com muito porque brigar, elas sabem, que para a reza não se ajoelharam nem a metade e terão que conviver sempre com os narizes torcidos das pessoas que não gostam ou nem sabem respeitar seus trabalhos. Porém, essa convivência pode ser transformada no desafio de fazer algo cada vez melhor, realmente bom, que agrade a todo mundo. O machismo, natural nos homens, vem se mostrando um pouco mais maleável com a presença das mulheres no palco. É claro que ainda haverá quem faça músicas criticando-as e muitas pessoas não irão aos seus shows, mas é só uma questão de tempo para o hábito e finalmente a admiração.

Neste número a **Pode crê!** traz um perfil com as mais destacadas rappers femininas de São Paulo. Só para vocês, um encontro com Sharylaine e DJ Quettry, Rose MC, Cris (Lady Rap), Luna e o grupo Tese Real.

SHARYLAINE

A PRINCESINHA DO RAP

Quando mal se aceitavam os homens cantando rap no Brasil, surgiu nos palcos de São Paulo, com o nome que poucos conseguem escrever ou pronunciar de maneira correta, Sharylaine (à direita na foto). Ela iniciou sua carreira em 1986, conseguindo ser a desbravadora do rap em São Paulo. Com jeito de menina, aparência frágil e letras extremamente politizadas, ao lado de sua prima Citylee, ela abriu caminho para muitos que desejavam embarcar no novo movimento que tomava conta da galera black da cidade. Apelidada pela mídia rapper de "Princesa do Rap", Laine, como é conhecida pelos amigos, tem 24 anos e acredita que o preconceito e a separação entre mulheres e homens no rap se deve a falta de ídolose bons exemplos femininos. Sabe que por mais respeito que os homens tenham pelas mulheres, jamais irão querer que elas se igualem à eles. Mas, isso não é motivo para o desânimo ou a desistência. Duas coletâneas (a primeira pela Zimcol e a segunda pela G.P. Records), ainda não dão conta do trabalho que ela promete fazer pela frente. Bem conhecida por seu jeito independente de buscar espaço para seu trabalho, sem empresários ou padrinhos, sempre sem vínculos com estilos, fazendo o que gosta e acha correto, ela foi bastante criticada por seus "amigos" rappers quando gravou a música "Saudade". Porém, apesar de todos os comentários negativos, ela foi uma das poucas rappers que teve seu rap tocado na rádio Transcontinental F.M. A balada suave na voz de Sharylaine provou que mudanças repentinas no mundo rapper são perigosas, e que enquanto o público aprovou, os rappers rotularam de "... nada a ver com você, Laine".

Mas, nem só de canto vive a princesinha, e durante a semana, ela trabalha no "Centro de Observação Criminológica", e não é prá menos que um de seus sonhos é chegar a ser promotora de justiça. Parece que leis, justiças e direitos, são coisas sobre as quais ela deseja conhecer tudo.

QUETTRY

A DJ

Ser MC mulher, definitiva e comprovadamente, não é moleza... Agora ser DJ, não é prá qualquer uma! Difícil é, impossível não. A receita? Muita paciência, atenção dobrada, talento, esperteza e muita, muita força de vontade. E a receita é assinada por Quettry, a DJ do grupo Sharylaine.

Simone Aparecida Silva seu nome verdadeiro, tem 18 anos de idade e há dois se juntou ao grupo. Poucos do movimento não se lembram de sua performance como dançarina, quando iniciou no Sharylaine. Inovando o que se dançava, ela misturou nos passos, En vogue, danças de salão, o jeito dos dançarinos do Public Enemy com MC Hammer, e tudo isso com o reboladinho que só ela sabia fazer. Não se pode deixar de dizer também que ficou conhecida por ser uma das garotas mais cobiçadas do universo rapper... Mas a dança para Quettry era pouco, e inspirada em DJ Adriana, a pioneira no Brasil nas pick-ups, há cerca de um ano ela partiu para a sua verdadeira vocação. E hoje, por suas mãos já bem especializadas, passa de tudo, desde Jocelyn Brown, Grace Jones até Coke Crew. Por isso nem tentem enganá-la com um rolo mal feito, porque ela garante que você vai se dar mal.

Scratch, viradas, colagens, *back to back*, originalidade com criatividade são o mínimo que Quettry tem que saber fazer, e muito bem feito, para ser chamada e respeitada como uma DJ.

Subir no palco e com a responsabilidade de tocar para Sharylaine ainda significa tremer um pouco e estar sob a vigilância masculina do lugar. Um deslize, com certeza, é o suficiente para uma boa vaia e a fama do erro que a acompanhará pelo resto da carreira.

Como parceira de Sharylaine compartilha do mesmo teor político. Sharylaine escreve as letras das músicas e juntas escolhem as bases. Estudante do 2º grau, agente cultural do Projeto Rappers, seus sonhos são dois: continuar sempre amiga de sua quase irmã Sharylaine e ser feliz, de preferência num quarto cheio de discos.

LUNA

A GAROTA DA BILBOARD

Parece que a voz mais bem guardada nos corações dos rappers paulistas, tem grandes projetos e sonhos. Para isso, ela realmente não economiza. Com seus 22 anos, e trabalhando como vendedora, a negra que vem embelezando o quadro do rap nacional já foi apelidada pela galera de "a garota da Bilboard", pois é lá que quer chegar. Um detalhe: ela quer ser a primeira brasileira a colocar os pés lá. Mas Luna não pára por ai não! Ela quer ser uma cantora como Marisa Monte e gostaria que no Brasil o rap fosse respeitado, considerado música popular e, como nos EUA, fosse premiado com Grammys. Luna deseja ir para os EUA divulgar o rap do Brasil. Bagagem ela já tem alguma; fez back vocal no disco do Scowa e uma vez arrasou na MTV cantando Sade.

Com mais de 15 anos de música hoje Luna divide o palco com o conhecido DJ Cri-Cri. E diz para quem quiser ouvir: "As mulheres no rap não são unidas!". Não é de se admirar que Luna pense assim. Enquanto 90% dos rappers estão voltados para questões raciais e políticas, o seu estilo, que define ser o mesmo de Janete Jackson e Paula Abdul, contraria tudo: em suas letras encontra-se alegrias, amores e muita, muita curtição. Algo leve e bom para transportar as pessoas para fora da rotina violenta que se tornou a vida. Um estilo que a faz se chocar com os demais rappers, mas que não a faz menos notada. Ao contrário, tem se mantido sempre entre as mais tocadas da semana. Luna se auto-define como feminina e moleque, que fica cada dia mais conhecida pelos selos GP Records e Kaskatas (solo), com sua voz especialmente anasalada. Diz que o seu público gosta mesmo é de som, não das mensagem que estão nas letras, por isso dá basicamente o que ele gosta. O mesmo público que se identificou com sua sensualidade. Sensualidade, diga-se de passagem, assumidíssima, que não se sente nem um pouquinho afetada pelas músicas dos Racionais e Doctors MCs. Mas toda a alegria e vibração de Luna, tem uma constante preocupação. O avanço da AIDS, e em especial com as crianças aidéticas. Uma doença que ela chama de erro da ciência. Durante a entrevista, a rapper pediu um minuto de silêncio em homenagem aos portadores do vírus.

Mas, tristeza a parte, é bom a galera se ligar e ficar de olho na gata, porque pelo que tudo indica na primeira oportunidade que o destino lhe trouxer, ela partirá para os EUA, porque definitivamente é lá que estão todos os seus projetos e sonhos futuros.

CRIS (Lady Rap)

A FEMINISTA

Ela é feminina e feminista, e declara isso para quem quiser ouvir, doa a quem doer e goste quem gostar.

O que anda por sua cabeça mesmo é trabalhar o seu disco, novinho em folha, e melhorar o seu trabalho, principalmente a dança que vem aprimorando em cursos. Em matéria de visual, constantemente rebelde, ela vem passando por sua fase de exotismo: ora você poderá vê-la de jeans rasgado, top e sapatos plataforma, ora de vestidos e modelinhos muito bem comportados e "finos". Ela só não dispensa mesmo é os seus brincos psicodélicos, sua variedade de batons incomuns que vai do vermelho-sangue ao preto e seus cabelos transados e vermelhos! Ela tem o dom de ser incomum e realmente diferente. Mas nem todas essas mudanças alteram em alguma coisa suas convicções feministas, convicções que a fizeram uma rapper polêmica e comentada quando bateu pau-a-pau as músicas dos Racionais MCs e Doctors (aliás, seus amigos). Em sua música, ela deixou bem claro, para que os homens lhe serviam, algo que insinuava o sexo e esfregava na cara dos machões a importância das mulheres.

Também conhecida pelos movimentos eróticos que faz com o seu corpo nos shows, ela abusa de sua sensualidade.

Renata Cristina Batista tem 20 anos, trabalha no Geledés - Instituto da Mulher Negra, já está no Movimento Hip Hop a cerca de 6 anos. É agressiva, combativa e sabe a quem direcionar suas reivindicações. Cris fala também nas mais do que manjadas cantadas dos empresários, que em troca de trabalho pedem favores especiais. Mas Cris garante: tudo o que quer dos homens, é que comprem os seus discos e saibam ao menos gostar de seu trabalho, não precisam nem entender, se para isso for preciso muito esforço.

ROSE MC

A DANÇARINA DE BREAK

Parece que não é só de brigas que vive o mundo do rap. Toda essa história de que homens e mulheres não se bicam, as vezes não passa de um simples mal entendido, causado pela eterna rivalidade entre os sexos. Quem garante, afirma e assina embaixo é Rose MC, 30 anos, que foi ajudada, incentivada e investida pelos homens. Toda essa afinidade justifica o fato dela andar sempre rodeada por homens do Jabaquara ou o pessoal da São Bento.

Ela acredita que toda essa desunião entre as mulheres e delas para com os homens, tende a acabar, já que a frequência de encontros, shows e entrevistas com as mulheres estão aumentando.O importante, diz Rose, é as mulheres se imporem, independente do estilo que escolheram para seguir. Dançarina de break nas ruas, Rose desistiu do Movimento pela faculdade, onde se formou em Magistério mas não conseguiu ficar muito tempo longe do seu "habitat natural", e logo quando voltou, descobriu que tudo estava acontecendo e resolveu embarcar de vez. Partiu para ser uma MC, com a ajuda de seus amigos "os homens".

Com a experiência ao seu lado, ela garante que ao contrário do que todos dizem, o público rapper ouve o que diz as letras. Dançando, eles acabam cantando; cantando acabam se perguntando o que tudo aquilo significa e dessa forma acabam se descobrindo como pessoas e cidadãos. Descobrem os seus direitos, e poderes políticos e legais.

Conciliando a vida de professora de educação artística e MC, Rose ainda encontra tempo para toda a produção de visual e preparação para o show. E com isso ela se preocupa bastante. Diz ainda, que gosta muito do jeito como as rappers americanas se vestem, e tenta seguir a mesma linha, sem se deixar masculinizar pelos blusões e tênis masculinos ou se vulgarizar pelos vestidinhos colados e batons vermelhos. O visual é vital, a concentração também, para que tudo no show corra bem. Rose, canta política e paixões e sabe que o rap tem tudo para estourar, só seria preciso o apoio da mídia.

TESE REAL

A NOVA GERAÇãO

Não adianta! Não há mal tempo para esse grupo. Mesmo que chova uma porção de Vanillas Ices sobre suas cabeças, elas estarão sempre rindo. Se três negrinhas e uma branca gatérrimas, atravessarem seu caminho, prepare-se!

Levante guarda, fique alerta e contenha-se. Logo que colocarem os olhos sobre você, começarão com um "bochicho", depois darão risadas na sua cara e num minuto depois explodirão em gozação e tiracão de "sarro", deixando você, completamente perdido e sem graça.

A primeira vista são até angelicais e enganam bem, com seus rostinhos que mais parecem ter saído de uma propaganda infanto juvenil de cremes, roupas ou óleo jhonson-black. Vanessa (17 anos), Daniella (15), Daniele (16) e Tatiana (18), formam o Tese Real.

Com pouco mais de 4 meses, o Tese Real é um dos primeiros grupos que se desenvolveram dentro do Projeto rappers, buscando estrutura para se iniciarem na música.

Com toda a bagagem que conseguiram e como resultado do trabalho que o projeto vêm desenvolvendo, hoje, o grupo aprimorou suas letras, sua consciência política e social. Contando com o ambiente do projeto, as meninas puderam contar com a apoio e o coleguismo de rappers mais experientes que frequentam o lugar (em especial de Sharylaine, como gostam de frisar).

No dia-a-dia, aprenderam coisas básicas como, produção de letras, performance de palcos, estrutura e disciplina para seus shows e acima de tudo a regra padrão de todo rapper "uma andorinha só não faz verão".

Adolescentes comuns, em fase de bastante barulho e confusão, ainda se metem em encrencas, como serem pegas fumando e saírem escondidas, e têm que seguir regras como chegar em casa no horário e mostrar o boletim da escola para os pais. Todas moram no centro, no bairro da Liberdade e cursam o primeiro grau.

Mas, a garotas do Tese Real, também pensam sério, e querem justiça no palco. Não gostariam que o sucesso das mulheres na música fosse atribuído a um belo par de pernas de fora. Esse é só um detalhe com o qual os homens têm que conviver.

Mas, mais do que Tese, elas são provas reais de que quando se quer algo, se consegue; passando pelo um caminho de aprendizado e força de vontade.

GRANDE LANÇAMENTO

RHYTHM AND BLUES
comercial ltda

FONE: (011) 221-7941
(011) 850-6137

Se toque

Amor e Dor: uma rima que desafina

Nilza Iraci Silva*

Os dados dessa rima são alarmantes quando ela está associada à violência doméstica e sexual.

Dados da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), do Congresso Nacional, que em 1992 investigou a violência contra a mulher, revelam que no Brasil 337 mulheres são agredidas por dia. Os espancamentos e as lesões corporais lideram esta estatística. São Paulo detém o vergonhoso primeiro lugar nesse *ranking*, com 98 casos. Aqui também se cometem cerca de 100 estupros por mês, dos quais 60% são praticados por membros da própria família (pais, irmãos, tios).

Esses são alguns dos aspectos da violência contra a mulher, que passa pelo assédio sexual, cantadas grosseiras, passadas de mão, agressões no trabalho, desrespeito e, finalmente, no assassinato: em defesa da honra, em nome do amor, da rejeição, da frustração.

Ainda segundo os dados da CPI, os agressores, ao contrário do que se imagina, não são os marginalizados socialmente: estão presentes em todas as classes, idades e etnias. A violência contra a mulher não é um fenômeno recente, mas esteve sempre confinada entre as quatro paredes do lar: "em briga de marido e mulher não se põe a colher".

Somente a partir de 1981 o Movimento Feminista, não sem resistência de outros movimentos sociais, consegue romper a barreira do silêncio e levar esse debate a público. A partir desse momento cai por terra a teoria de que somente os homens negros, pobres e sem perspectivas de vida, agrediam as mulheres. As denúncias passaram a demonstrar que haviam espancadores entre artistas, empresários, intelectuais, sindicalistas, militantes de esquerda e de direita, estudantes, empregados e desempregados.

O porquê da violência contra a mulher

A violência contra a mulher tem raízes na sociedade patriarcal que aposta na dominação como controle de um ser sobre o outro, transformando as diferenças em desigualdades. Nessa sociedade as mulheres são desqualificadas, consideradas cidadãs de segunda categoria, incapazes de decisões. Desde muito cedo aprendem que para serem aceitas têm que ser submissas, prendadas, obedientes, recatadas. Para os homens é reservado o papel de fortes, dominadores, agressivos, provedores. Em contrapartida têm que ser machos: não podem chorar, *brochar*, *pipocar*, demonstrar emoções. Sensibilidade é coisa de mulherzinha.

Todos esses estereótipos são devidamente reforçados pelos meios de comunicação, pela igreja, pelos livros didáticos, através das músicas... Dentro das letras de rap, por exemplo, existem várias músicas que tratam a mulher como "coisa", incentivando manifestações de violência.

Porque os homens agridem

Partindo do princípio que os agressores não são os marginais e que os estupradores não são os perturbadores e/ou desequilibrados mentais, o que determina a violência é o sentimento de propriedade, a força, o domínio e, principalmente, a certeza da impunidade.

As desculpas para essas ações são muitas: cansaço, bebida, "ela me provocou, não queria fazer isso", as dívidas, a situação do país; enfim, tudo vale como justificativa. Em relação ao estupro é ainda pior, pois, na maioria das vezes, a mulher é transformada de vítima a ré: "também, com aquela minisaia...", "mas o que você estava fazendo na rua a essas horas?", ou ainda, "tem certeza de que você não fez nada para provocá-lo sexualmente, que não deu bola prá ele?"

Mas por que as mulheres se calam?

Vergonha, impotência, sentimento de culpa, medo, são apenas alguns dos fatores que contribuem para que as mulheres se calem, levando-as a viver solitariamente essa dolorosa experiência. A falta de apoio também pesa nessa decisão: na família, quem já não ouviu o clássico conselho "ruim com ele, pior sem ele", ou na delegacia: "por que não faz um agrado e esquece o que aconteceu?". Alie-se a esses fatores a omissão do Estado, que não oferece equipamentos sociais como casas de abrigo para as mulheres ameaçadas e atendimento para as vítimas de violência sexual. Também não podemos esquecer o fato subjetivo: o que fazer quando o agressor divide nosso cotidiano, nosso afeto, nossa cama?

Quem ama não mata, não humilha, não maltrata

O que poderia ser o ideal, hoje não passa de uma palavra de ordem. A verdade é que as mulheres, 50 por cento da população mundial, mais um (51%), continuam maltratadas, humilhadas, assassinadas em nome do amor. O que os homens não sabem é que com o ato de violência, mais do que maltratar o corpo da mulher, ele está quebrando um projeto de relação e destruindo todas as possibilidades de construção de um universo harmonioso, onde se conjugariam amor e desejo, com a criação e o encontro. E afinal, dá prá rimar amor e dor?

Nilza Iraci Silva* *é jornalista e coordenadora do Programa de Comunicação do Geledés-Instituto da Mulher Negra.*

PERFIL WILLIAN

Como tantos outros, Willian ainda sente no próprio bolso as consequências de tantos planos econômicos sugeridos pelos governos. Quando acorda todos os dias, sabe que terá que driblar uma inflação de 30% ao mês, que não perdoa ninguém. Sua matéria-prima é a música, e o produto acabado o som black. O lucro depende do modismo e da quantidade de pessoas que atravessam as bilheterias nos finais de semana. Seu local de trabalho são as pistas de baile em São Paulo onde existe estampado o nome Zimbabwe.

Homem de negócios, Willian se orgulha por saber que faz o que sabe, gosta e conhece. Ele sempre procura acertar no que arrisca. No rap e no samba, o nome da equipe está associado ao que há de melhor em São Paulo. Para Willian, a busca constante da perfeição está diretamente ligada ao sucesso dos americanos pelo mundo. Sua admiração pelos norte-americanos fica clara em quase tudo que fala. Admira neles a musicalidade, criatividade e a perseverança, qualidades que para ele os artistas brasileiros têm de sobra, só se recusando a explorá-las pela comodidade de se espelharem no que já faz sucesso. "O americano cria a diferença, o brasileiro se especializou em cópias", diz Willian com a decepção de quem já conhece esse mundo no qual já está com a Zimbabwe há 18 anos.

Ele acha que falta ao rap a ousadia de inovar, deixando de lado as regrinhas de como ser um grupo radical e introduzir cada vez mais nas bandas as mulheres e a dança. Isso sim, para Willian é um sinal de radicalização. Ele diz que se o público não está, ele já está farto de ver sempre a mesma coisa. Se em um show 10 bandas de rap se apresentarem, as 10 terão um DJ, um ou dois MCs e mais nada.

Willian acredita muito no poder da dança, o que não é de espantar, já que foi envolvido pela explosão funk black dos anos 70, e se tornou um dançarino de soul na época. Acha que com a dança, as transmissões de mensagens podem ser mais amplas e completas. O que não adianta para ele é todos tentarem ser parecidos com o Racionais MCs. "Precisa-se de pessoas que queiram investir em si próprias, trabalhando como o MC Hammer, que sempre traz novidades boas. Como aliás faz a maioria dos americanos, a exemplo de Run DMC, Public Enemy, ou Ice T".

Uma das maiores empresas que trabalham com a música negra em São Paulo é a Zimbabwe. Atuando na realização de bailes black, produção de discos e organização de shows, ela tem uma história de sucesso. Seu principal dirigente é William Santiago, um paulistano da zona norte que há 18 anos dedica sua vida a esse trabalho. E esse é um bom motivo para conhecê-lo um pouco mais de perto.

Willian não compreende o porquê dos rappers não dançarem ou porque quando alguns resolvem fazê-lo, ainda rolam no chão, coisa que ele considera ultrapassada. Todo esse movimento soul, negro e dançante para Willian tem uma pessoa que reinou em absoluto. É Kurtis Blow, que ele diz que por um bom tempo ganhou muito dinheiro sozinho. E só o fez porque pensava e fazia coisas novas. É uma característica que Willian considera que também tem, já que mesmo achando o Racionais MCs um grupo muito agressivo para a época, resolveu arriscar e lançá-los há cerca de 4 anos. Talvez nem ele mesmo esperasse que o retorno fosse o título de "o melhor grupo de rap nacional". E manda um recado para as línguas venenosas que insistem em dizer que o que existe por trás do Racionais MCs é proteção: existe sim é muito trabalho e credibilidade, além de uma boa dose de talento.

Willian se identifica muito com o Racionais porque passou o que eles passam, só que em uma geração que não tinha liberdade. Foram eles que o levaram a conhecer, explorar e admirar o rap. Acha o trabalho do grupo inteligente e bem produzido, com letras onde se encontram estórias com fundamento, em linguagem que o público usa. "Tanto os Racionais quanto Thaíde são nomes que explodiram e será difícil para ultrapassar", garante Willian.

E agora uma boa notícia para quem quer começar a carreira. Willian diz que a Zimbabwe está sempre aberta a trabalhos novos. Ele quer ser o primeiro a gravar quem tenha uma proposta nova, dançante, com uma produção no padrão norte- americano. Isso, ele fala como admirador da música e como administrador da empresa Zimbabwe, que hoje ganha os espaços de São Paulo. Mesmo com uma decepção aqui, outra ali, natural no mercado, a Zimbabwe chegou ao rádio com um programa chamado "Som da Massa" (antes veiculado pela Bandeirantes FM e atualmente transmitido pela 105 FM).

A Zimbabwe promove vários bailes, tem dois salões próprios e o selo Zimbabwe Records. São aproximadamente 70 empregados. Muito trabalho e muitos gastos que devem ser recuperados com investimentos, como os grupos de rap, selecionados pessoalmente por Willian, que prefere a qualidade à quantidade. Aliás, isso explica o porquê de tão poucos discos saírem pelo selo Zimbabwe e também a alta vendagem deles. Bons exemplos são: "Escolha seu Caminho" do Racionais e "Jeito de Seduzir" do Negritude Junior.

Para William não adianta apenas estar no movimento para se gravar um disco. É necessário ser realmente bom e original. Ele só investe naquilo que acredita e gosta, algo que gere a satisfação do público, a confirmação do nome Zimbabwe no mercado e o retorno do capital aplicado com o lucro. Afinal, é uma empresa onde os lucros devem cobrir os gastos com equipamentos de som, arranjos de shows, entre outros. Willian acredita que no dia em que errar e trouxer prejuízos para a equipe será hora de se afastar e encontrar alguém para dirigí-la. Mas parece que isso vai demorar um bocado, pois sua última prova de acerto ainda está rendendo os juros. É o investimento no samba com o grupo Negritude Junior, que vem tocando em quase todas as rádios e na TV.

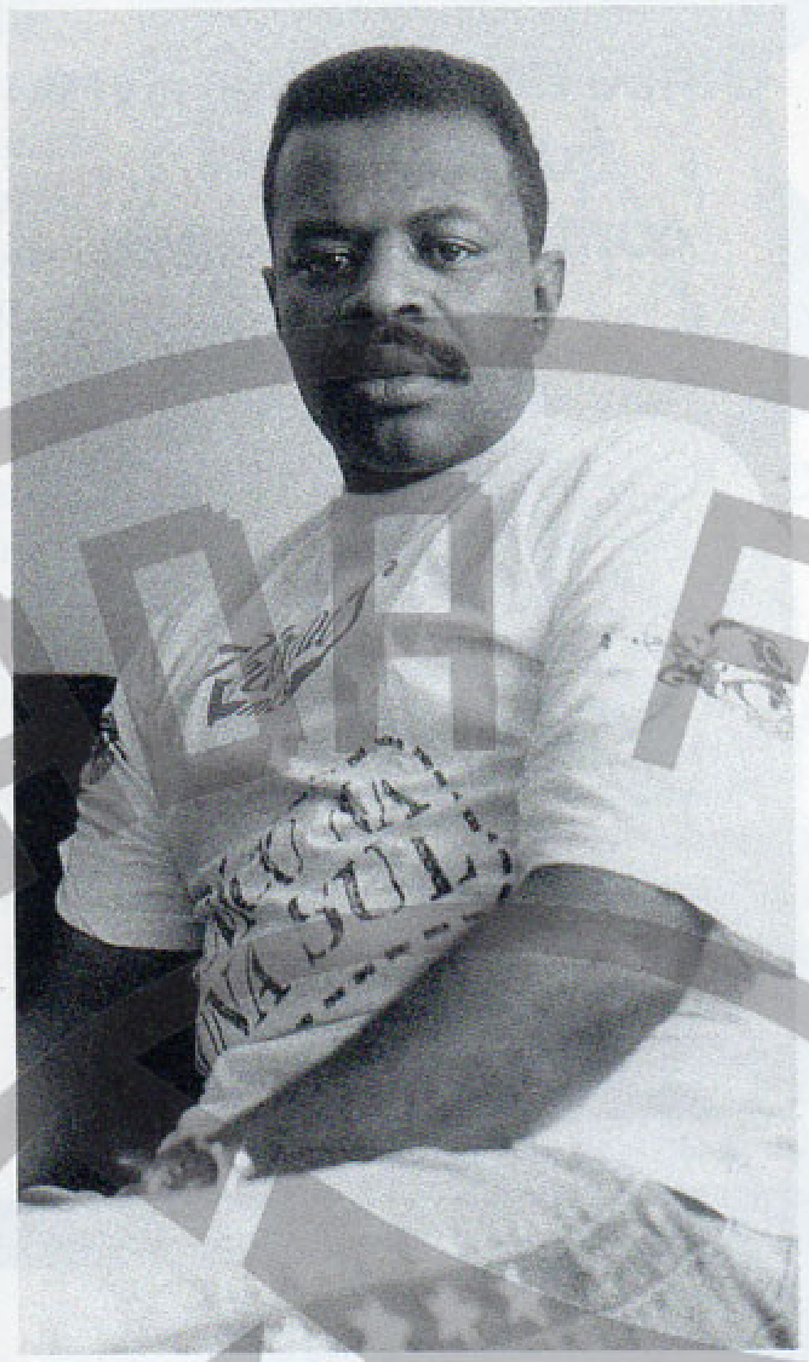
ZIMBABWE

Mesmo com o nome ligado ao sucesso, Willian não quer ouvir dizer que sua equipe é a numero 1, porque acredita que está num bom lugar e isso basta.

Sua preocupação real está no fato do seu público estar perdendo o poder de consumo. Os discos estão encarecendo e os bailes cobram entradas altas. Acha que os donos de equipes são responsáveis por essa situação, pelo menos no que se diz respeito aos bailes. Para Willian eles deveriam estar sempre fazendo promoções e inventando outras formas de manter o público se divertindo e curtindo. Quanto aos discos, os prejuízos atingem diretamente aos artistas. Alguns capazes de vender 100.000 cópias, acabam vendendo 20.000, pois um disco tem um custo alto para pessoas que ganham um salário mínimo.

Willian diz que gostaria de ajudar as pessoas em questões amplas e profundas, como a conscientização racial. Mas isso só acontecerá quando houver uma união de movimentos negros e equipes de som. Ele compreende que um é complemento do outro e que seus espaços são comuns, coabitáveis. Nos bailes se reúnem os jovens e lá eles deveriam ser trabalhados em suas consciências políticas e sociais,. O que falta é um trabalho efetivo de conscientização. O que ele não admite é ser cobrado só por ser negro. Lembra que também é um empresário e que com isso sobra pouco tempo para o trabalho de conscientização. Diz que um dos problemas do racismo em São Paulo é a falta de cultura das pessoas. Os paulistas são naturalmente apressados e "largados". Nada aqui lembra os trabalhos feitos na Bahia, as manifestações culturais e grupos como Olodum, porque lá as pessoas nascem sabendo que são negros e vivem toda sua vida trabalhando nisso.

Willian reconhece triste que o negro e principalmente os jovens negros, ainda podem ser enganados. Mesmo os rappers, que as vezes nem sabem o que dizem e se tornam pessoas perigosas para o movimento. Na ânsia por se tornarem pessoas conhecidas, podem fazer ou falar coisas que deturpam o movimento rap. Ele acha que os negros deveriam se fortalecer, mostrar para todos o quanto são poderosos e de onde vem essa força. Força que se existisse poderia, ao invés de combater, ignorar



manifestações sem fundamento como a dos skinheads. Willian reconhece o direito de uma pessoa não gostar de uma raça, mas acha incompreensível que num país onde 70% da população é negra exista pessoas com essas atitudes raciais. Por outro lado, diz que isso acordou muita gente que se considerava moreninho ou branco.

Para o futuro a Zimbabwe promete festivais de rap e samba, pretende lançar-se como gravadora e mostrar o projeto mais esperado: o novo disco do Racionais, que Willian jura ser bem melhor que o primeiro. Trabalhando duro com o grupo, ele já mandou uma fita demo para os EUA, em busca do mercado internacional. E as concorrentes que rolem com as dores de cotovelo, porque a Zimbabwe realmente uniu o útil ao agradável e ao rentável. Estão garantidos com o gosto nacional pelo samba e prontos para explodir com o rap nacional, ainda praticamente inexplorado.

Mas nada sem concorrência tem graça, e se mostrando muito tranqüilo Willian diz que a concorrência serve para provar quem são os mais fortes e que nessas batalhas quem ganha é o público. Mas isso ao mesmo tempo gera um distanciamento entre as equipes de som, um distanciamento que prejudica principalmente oportunidades empresariais, como a compra de espaço na mídia, a presença nos canais de TV, ou a criação de uma rádio especializada em som black. Este seria um espaço completamente livre da censura branca, direcionado a quem precisa de informação, música e diversão na sua própria língua. Mas tudo indica que no momento as equipes estão preocupadas em ser lideranças ao invés de cooperativas. Pelo menos na Zimba, Willian garante que todos trabalham como se fosse um time de futebol, e podem vestir a camisa para mostrar que são os melhores. Quanto ao fato das pessoas se afastarem quando conseguem o dinheiro e a fama, ele diz que tudo é uma conseqüência natural de vivermos num país capitalista, onde os valores materiais contam e muito. Valores que vêm deturpando a confiança das pessoas umas nas outras, perdendo a capacidade de eleger políticos e de cobrá-los em suas funções.

Willian acha que os negros deveriam se unir para eleger seus próprios políticos porque assim talvez começassem a se conseguir as coisas. Quem não superar esses problemas jamais compreenderá o entrosamento que William consegue com seus artistas porque são pessoas que deram certo e melhoram sempre o que já existe. O selo Zimbabwe só vem como um gatilho, a munição está nos artistas. Realizando o sonho dessas pessoas, acabam realizando outros sonhos, e assim talvez realize-se o maior sonho de Willian: "que a Zimbabwe se torne uma Mottown brasileira, onde se produza e se trabalhe os artistas negros, tornando-os ouvidos por todo mundo".

Nome: Willian Santiago
Idade: 38 anos
Família: casado, 5 filhos
Religião: candomblé, acredita num Deus que possa conhecer e aprender com ele.
Ídolo: Michael Jackson
Um nome: Mirtes
Uma música: Sina (Djavan)
Um país: Brasil
Cantores: Djavan e Milton Nascimento

RRV

Retratos, Relatos e Verdades

Office boy escreve livro que denuncia contrastes sociais

Os jovens negros das periferias de São Paulo começam ampliar os seus instrumentos de denúncia contra opressão.

Acostumados a extravasar todo esse descontentamento através do rap, esses jovens agora enxergam novos horizontes para dinamizar o combate às diversas formas de discriminação e demais problemas que afetam nossas comunidades. Essa consciência surge muitas vezes da visão do contraste entre riqueza e pobreza: mansões e favelas, tudo numa divisão de espaço muito estreita. José Carlos dos Santos, 18 anos, office-boy, é uma consciência despertada através deste contraste, que é bem visivel onde mora, bairro do Guarapiranga, zona sul de São Paulo. Autor do livro "R.R.V Relatos, Retratos e Verdades", lançado no final do ano de 92, José Carlos, ou Japa, como é chamado no bairro, encontrou na literatura um meio de lutar contra a elite a qual ele culpa pela miséria da periferia. É também uma forma de ajudar a sua comunidade.

Não acreditando no ditado "uma andorinha só, não faz verão"ele vê o seu próprio trabalho como um veículo de conscientização. Trabalhando no S.O.S Criança, no bairro do Brás, zona leste de São Paulo, José Carlos conta que foram as injustiças que vê em seu cotidiano que o motivaram a escrever "R.R.V". Injustiças como a dos menores que chegam no S.O.S Criança acusados de roubo e, se fazem isso, muitas vezes é por passarem necessidades.

José Carlos já prepara outro livro

"Relatos, Retratos e Verdades", livro de 36 páginas, que fala sobre os problemas sociais de nosso país, é uma produção independente classificada pelo próprio autor como de pouca qualidade visual. Após o lançamento, com as 300 cópias esgotadas, José Carlos atribui parte desse sucesso à atenção que recebeu de alguns veículos de comunicação.

Por ser um office-boy, espera servir de incentivo a outros, para que, independente da posição profissional que ocupem, desenvolvam trabalhos como o seu. "Na periferia existem muitos artistas, só não aparecem por falta de incentivo" diz o autor.

Seu segundo livro de 90 páginas já está escrito e vem falando sobre discriminação, adolescência e os pobres.

Para o lançamento dessa segunda obra, ele diz estar procurando apoios, mas que não visem ganhar lucros em cima dela. Mas também tem consciência de que se o primeiro livro foi independente, os próximos também podem ser.

Pretende lançar este segundo trabalho que levará o nome de "Relatos de Rua", em julho de 93 e parabeniza a todos que tenham esse compromisso de levar a realidade dos fatos às ruas.

ATENDEMOS TODO O PAÍS

Pandeiro

O MELHOR PREÇO DO BRASIL

• KATINGUELÊ • SENSAÇÃO • NEGRITUDE JR • ELIANA DE LIMA • RACIONAIS
• PARTIDO ALTO • SÓ SAMBA • MÉ MAIOR • ORIGINAIS DO SAMBA
• ABOLISAMBA • CHORA MENINO • MALÍCIA • GRUPO SAMPA, ENTRE OUTROS.

262-6296

RUA TURIASSÚ, 1053
PERDIZES - S. PAULO

É costume se chamar de *Doutor* pessoas formadas em medicina, advocacia, etc. Mas na prática existem personalidades que não fizeram nenhum desses cursos mas merecem e fazem jus ao nome de doutor. E como o assunto é música, nada melhor do que falar do cara que não fez nenhum doutorado musical, mas é um excelente doutor na maneira de operar equipamentos e produzir música: Doutor Dre (**Dr. Dre**), ex-membro do controvertido grupo *gangsta* NWA.

Dr. Dre nasceu no famoso, violento e agitado sul-central de Los Angeles. Quando adolescente, Dre entrou para o conjunto de rap "The World Class Wreckin Crru", onde conheceu DJ Yella, também integrante do conjunto, que mais tarde formaria, com Dre, MC Ren, Eazy E e Ice Cube, o NWA. Dre teve um papel importante na gravadora de Eazy E, a "Ruthless Records", pois era (e é) um talentoso DJ e produtor responsável pelo sucesso de D.O.C., Michelle, Bob Jimmy, J.J. Fad e o próprio NWA, entre outros.

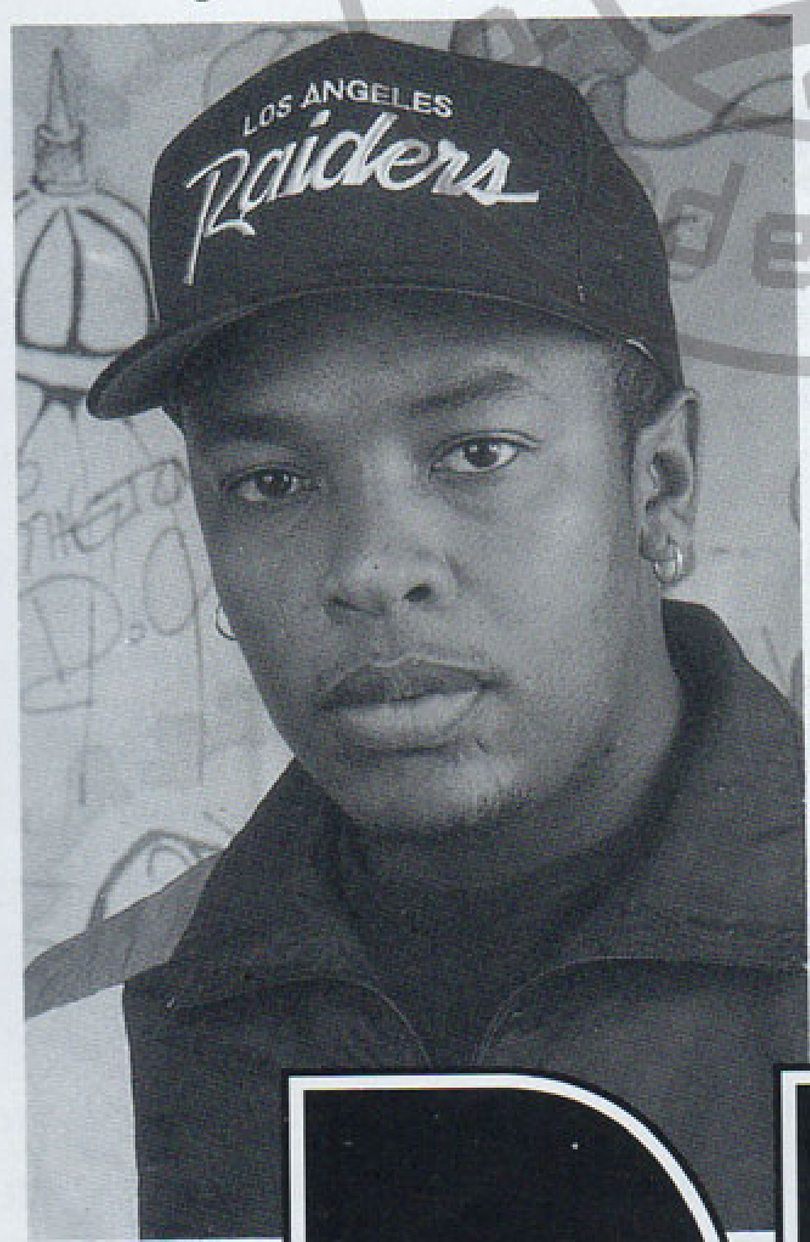
O sucesso do NWA crescia e, consequentemente, o dinheiro aumentava e com ele a ganância de quem comandava o dinheiro. Foi aí que os problemas vieram. Depois do sucesso do LP "Straight Outta Compton", Ice Cube, um dos principais integrantes, saía do conjunto por questões financeiras ligadas a Eazy E e ao empresário Jerry Hallex, para lançar o seu primeiro LP solo, "Amerikkas Most Wanted". Dre continuou no NWA, agora também como cantor no LP "Niggaz For Life", primeiro lugar na parada dos LPs mais vendidos da Bilboard no seu primeiro mês de lançamento, fato inédito na historia do rap.

Mas os anos de 91 e 92 não foram bons para Dre: no final de 91, ele espancou a socos a apresentadora do programa "Pump it Up", Sista Dee Barnes (ex Oartown 357), na festa de lançamento do LP de BWP. Sista o processou em 20 milhões de dólares. Ainda em 92, houve uma confusão num hotel em New Orleans, que pode fazer Dre pegar 18 anos de cadeia; uma outra agressão a um produtor de Los Angeles, lhe custou outro processo. Além disso, um tiro e um incêndio em sua casa foram notícias comprometedoras e publicadas inclusive em entrevistas que ele próprio deu à revista "The Source", em 92, em que a capa da mesma era Dre apontanto um revólver para a sua própria cabeça, explicitando como ele estava se sentindo naquela época: a ponto de se suicidar.

Dre e DJ Yella saíram do NWA no mesmo ano de 92 também por questões financeiras, mas tomaram rumos diferentes: Dr. Dre lançou seu selo, a "Death Row Records" junto com o LP "The Chronic", estrelando o rapper, também ex-traficante, Snoop Doggy Dogg e D.O.C., que ajudou a escrever as letras e encorajou Dre na decisão de lançar o disco. E não deu outra. O primeiro *single* do disco foi "Nuthin' but AG Thang", que apesar de falar sobre *gangsta* ficou mais de quatro semanas em primeiro lugar no Yo! MTV Rap e entre as primeiras posições nas paradas de melhor *single* e LP mais vendido da Bilboard. Com o sucesso (não esperado por ele mesmo) de "The Chronic", Dre vai lançar mais discos pela "Death Row", inclusive o LP solo de Snoop Doggy Dogg e um outro álbum que se chamará "90221", o qual terá a participação de seu inimigo, agora amigo, Ice Cube. Vamos esperar para ver o que acontece e torcer para que esse seja o ano de Dr. Dre e que ele resolva, ou supere, todos os seus problemas, que não são poucos nem pequenos. Afinal de contas, os doutores são para essas coisas.

Até a próxima, axé! Poder Para o Povo Preto.

KL Jay



Dr. DRE

NACIONAL

1º - Câmbio Negro - Sub-raça (LP)
2º - Vítima Fatal - Nem A, nem B,nemC, só se for D (LP)
3º - Produto da Rua - Deus te Ama (LP)
4º - M.T Bronk's - Nova Era (LP)
5º - Algo a Dizer - LP (coletânea)
6º - Sampa Crew - Remix
7º - Movimento Hip Hop LP (coletânea)
8º - Vozes de Rua II - LP (coletânea)
9º - Comando DMC - Vamos dar a Volta por Cima
10º - Racionais MC'S - Escolha o seu Caminho

INTERNACIONAL

1º - Fu - shnickens with Shaquille O' neal - What's up Doc?
2º - Tha Alkaholiks - Make Room
3º - 1 of the girls - Do da What
4º - Jomanda - I like it
5º - Kronic - It Bee'z like that
6º - 2 Pac - I get around
7º - Poizon Posse - This is it y'all
8º - C.E.B - Goes like this
9º - S.W.V - Weak
10º - H. town - Lick u up

Discos gentilmente cedidos para audição pela Truck's Discos - Rua 24 de Maio, 116 - R.A - loja 32 - fone: 222-66-90.

SAMPA CREW

Já acostumado a emplacar sucessos, o grupo Sampa Crew está completando seis anos, apesar de integrar o movimento Hip Hop desde 83. Sampa Crew já participou de diversas coletâneas e a letra abaixo faz parte do seu terceiro LP "Super Remixes" do selo Kaskatas. Esta música super romântica, já é o rap mais executado em todos os bailes de São Paulo e do Rio Grande do Sul.

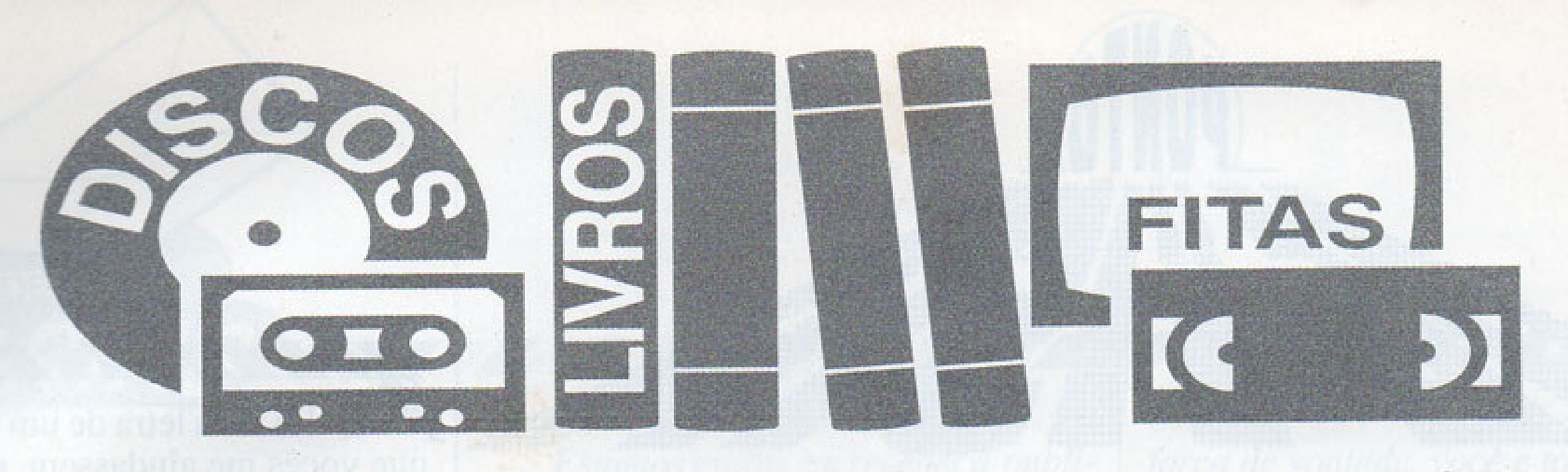
SE ME LEMBRO FAZ DOER
Autor: J.C. Sampa
Música Incidental: Tim Maia

Procuro alguém com quem possa dividir
Essa dor que me corrói quer me destruir
Eu fui fundo nesse amor, fui sem medo
Procuro outros motivos sei que não mereço
As lembranças me atormentam tanto
E no entanto tento esquecer
Se me lembro faz doer
Tudo traz aqui você
Dizendo que me amava
Que em meus braços só assim feliz estava
As tuas mentiras tenho que reagir
Não quero sofrer mais nem me iludir
Dessa vez decidi

Hoje resolvi mudar vou deixar de lhe amar
Hoje resolvi mudar vou cantar... ***REFRÃO***
Juro não ser mais um bobão
Hoje resolvi mudar vou cantar

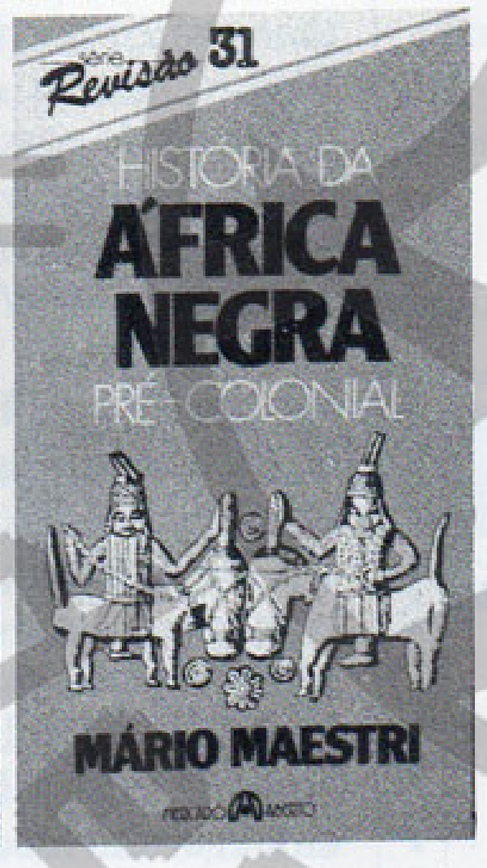
Foi tão bom e é tão triste saber
Ironias dessa vida que a gente nem sabe porque
Ontem o que me deu tanto prazer
Hoje se me lembro faz doer
Quem sabe um dia numa dessas paisagens
A gente se encontre nem que de passagem
E você já me veja refeito
Dessa dor que invadiu o meu peito

Hoje resolvi mudar vou deixar de lhe amar
Hoje resolvi mudar vou cantar... ***REFRÃO***
Juro não ser mais um bobão
Hoje resolvi mudar vou cantar



LIVROS

História da África. Autor: Mário J. Maestri Filho; Série: Revisão; 31; Editora Mercado Aberto, 1988. Colocando-se contra o desinteresse em estudar a história da África negra pré-colonial, este livro apresenta a história política, econômica e social das principais etnias e sociedades do continente negro no período pré-colonial. Concentra seus estudos sobre as regiões atuais de Angola, Moçambique e Golfo da Guiné e sobre as sociedades pré-coloniais de Ghana, Mali e Songai. Desta forma destaca as etnias que mais influenciaram a história do Brasil através do fornecimento de seus integrantes como peças, ou seja, como escravos e mostra amplamente que essas etnias e culturas são bem mais importantes e desenvolvidas do que a historiografia oficial diz ser.



O Brasil e a África. Autor: Manuel Correia de Andrade; Coleção Repensando a Geografia; Editora Contexto. Este é um livro que se divide em duas partes: na primeira, apresenta a formação social da África a partir do seu contato com os europeus, especialmente os portugueses até os dias de hoje; na segunda, discute a relação histórico-cultural entre o "continente negro" e o nosso país. O autor nos fornece uma obra básica para cursos, onde a questão do racismo, da negritude, da África e da nossa herança se colocam.

FITAS

Sem limites para vingar (Ricochet) 1991. Direção: Russell Mulcahi com Denzel Washington, John Lithgon, Ice T, Kevin Polak. Por sete anos que ficou preso, o psicopata Earl Blake vasculhou cada palmo da vida do policial Nick Stiles, que o mandou para a prisão. Depois de forjar a sua própria morte e escapar da penitenciária, ele está pronto para executar sua vingança. Esta não inclui a morte de Stiles, mas algo muito pior. Passo à passo Blake começa a destruir o mundo e a vida de Stiles deixando-lhe apenas uma saída: voltar as ruas para um duelo, onde apenas um deles poderá sobreviver.

Alunos Muito Loucos (Class Act) 1992. Direção: Randall Miller; com a dupla Kid'n Play. Ducan Pinderhughes (Christopher Reid, o "Kid" da dupla), é um aluno modelo: tímido, educado e estudioso. Ele só não é perfeito porque não consegue passar nos exames de educação física. A vida de Ducan vira de pernas para o ar quando o seu boletim é trocado com o de Blade Brown (Christopher Martin, o "Play"), "diplomado" como delinqüente num reformatório para menores e nas perigosas ruas dos guetos de Los Angeles. Ducan e Blade resolvem tirar proveito dessa troca de identidades e se envolvem em inúmeras situações hilariantes com suas famílias, namoradas e amigos. Uma comédia com estilo irresistível e a música inimitável de uma das mais famosas duplas de rap dos EUA.

DISCOS

Rappers & Irmãos. De 8 faixas e 8 grupos (da nova, média e velha geração), este é o LP coletânea lançado pelo selo G.P. Records. O lado A (composto por 4 grupos), têm músicas que vão desde a "liberação do peixe" (cuidado com o cólera!); "frutas estragadas" até o ótimo refrão de "cante e dance". O lado B é composto por outros 4 grupos e tem como destaque a música "Movimento Hip Hop" (Visão Urbana) e a confirmação de que "Rapper no Brasil só leva chute", coisa que o grupo Sharylaine sabe e sente muito na má qualidade sonora de sua música 'Nossos dias - versão II". Este play prova mais uma vez que ainda tem empresário da música negra que usa o rap somente para obter retorno dobrado de seus investimentos monetários. Nota geral ao play: 20% Bam-bam-bam. Ficha Técnica: Produção executiva: Cuca, Cri-Cri e Fábio Macari; Produção fonográfica: G.P. Records; Estúdio: Fantastic Voyage; Fotos: Jaime; Grupos: RZO, Frank-Frank, Os Bacanas, Luna, Raposa do Centro, Mister, Visão Urbana, Sharylaine.

Câmbio Negro - "Sub - Raça". "Dê-nos ouvidos", pois este play é DUCA...! Falaremos dele por partes: **Capa:** de ótima qualidade visual, mostra já à primeira vista a personalidade do grupo. **Produção:** a parceria entre Câmbio Negro e DJ Raffa é a soma de todos os 10 que podem ser dados aos *samplers* escolhidos. Os recursos nacionais usados nas colagens demonstra o altíssimo nível de criatividade dos produtores e em especial do DJ Raffa, o qual já tem dez acumulado pelo play "Baseado nas Ruas". **Vocal:** simplesmente **animal**. Letras: de muita ginga e com idéias que falam de "mano pra mano", transmitem o que é o verdadeiro rap. Com elevada criatividade artística, eles provam que os "brutos" também lutam pela "paz"! * Nota geral ao play - "100% bam-bam-bam". Ficha técnica: Produção fonográfica: Discovery; Engenheiro de mixagem: DJ Raffa; Gravado e mixado: Zen Stúdios - 24 canais, Brasília DF; Foto: Vanderlei Pozzembom; Participação especial: Marcão do Baseado nas Ruas na faixa "Dê-nos ouvidos".

Big Richard*

Estamos vivendo um momento de aprofundamento dos contrastes sociais, um momento em que uma minoria negra começa a conquistar espaços numa sociedade ainda restrita, mas que aos poucos vamos conseguindo incomodar com nossas ações e atitudes. Quando digo nós, não falo apenas em torno do Brasil, pois situo-me num horizonte maior onde vejo coisas que estão acontecendo na África do Sul, EUA, Brasil e etc, que todos sabemos que não são apenas pelos motivos declarados nos meios de comunicação e sim por coisas bem mais profundas.

Como exemplo, vamos nos situar numa Los Angeles efervescente de aproximadamente dois anos passados. O negro americano já cansado de tanta guerra e suas conseqüências, precisava apenas de uma faísca para que o caldeirão explodisse. E o que aconteceu? O caldeirão explodiu com um distúrbio racial.

Hoje estamos com o mesmo cenário na África do Sul, só que em situações geográficas diferentes, mas com a mesma raça e, como não poderia deixar de ser, por motivos que vão além da morte de Chris Hainnim. Aqui no Brasil a situação não é diferente. As péssimas condições sócio-econômicas podem levar em breve a conflitos como os que ora vemos no resto do mundo pois no momento em que aumenta a recessão, aumenta também o número de descontentes com o sistema; o número de demagogos; o racismo; a discriminação em relação aos nordestinos, etc. E pior, propicia o surgimento de grupos racistas fazendo suas vítimas. Tudo isso num país onde a maioria da população é negra. Que país é este? Quem somos nós?

* ***Big Richard*** (Hamilton Richard Alexandrino Ferreira dos Santos), 19 anos, é integrante do grupo Consciência Urbana do Rio de Janeiro, RJ.

"Eu fiz a letra de um rap e queria que vocês me ajudassem, dessem opiniões sobre ela, me orientassem em tudo o que for possível, pois como disse, tenho muita vontade de ser uma cantora ou compositora de rap, não pela fama, mas por eu achar o rap uma das formas mais certas para se dizer a verdade e também por gostar de rap. Grata pela atenção de todos vocês!"

Joyce Dias Pereira, Jaçanã, São Paulo.

É muito bom saber que as mulheres estão entrando com tanta força e determinação no Movimento Hip Hop e em especial no rap. E também é importante ter a preocupação que você tem em ser cantora ou compositora. Agora, cabe a você pesar se a sua vontade de escrever é maior do que estar frente ao público. Mas antes de decidir-se, saiba que qualquer uma das formas de atuar no movimento é válida. Acreditamos que o melhor crítico para avaliar suas letras é "Você" mesma. Deixamos sim, abertas as portas do nosso Projeto Rappers e no que for possível, as informações que tivermos passaremos a você e a todo o Movimento Hip Hop. OK!

Galera da **Pode crê!**

"Adorei esta revista. Ela é demais. Sabe, foi o primeiro exemplar que eu comprei, e pode crê que foi o começo de uma grande coleção. A reportagem da qual eu mais curti foi "Estação São Bento - o palco dos rappers" com o DJ Hum. Ali me emocionei de tão louca que foi. Curto break há uns 7 anos e espero que Deus permita que eu dedique a minha vida à "Cultura de Rua" perpetuamente. Tenho o Hip Hop na veia, apesar de que aqui em Brasília eles não dão tantas condições para continuarmos. Cada vez mais as autoridades nos tira o direito de curtir a nossa vida, o Hip Hop, promovendo muito menos bailes para a nossa galera. E posso fazer um pedido? Façam uma matéria sobre o movimento Hip Hop no conjunto nacional de Brasília aos sábados, eu acho que vai arrebentar! Falô irmãos. Muita paz".

Carlota de Oliveira e Silva, Brazlândia, Brasília - DF.

Ficamos muito gratos em saber que estamos conseguindo fazer uma revista que realmente agrade e fale a língua de pessoas como você. Esperamos que ela contribua muito para divulgação e desenvolvimento do Movimento Hip Hop, e que através da união de todos nós que apoiamos e fazemos a cultura negra, consigamos acabar com a dependência de espaço de pessoas que não querem ver toda a nossa arte e talento em ascenção. Quanto a matéria do Hip Hop no conjunto nacional, já estamos entrando em contato com os nossos correspondentes aí de Brasília e se possível pessoalmente iremos fazer esta grande cobertura.

"Parabéns pelo lançamento da revista **Pode crê!**. Gostaria de receber o 1º número e conhecer o seu plano de assinaturas. Um abraço".

Helena Bocayuva (diretora do CEPIA Cidadania, Estudo, Pesquisa, Informação e Ação", Glória - Rio de Janeiro - RJ).

Agradecemos muito pela consideração a este trabalho que começamos a desenvolver e com muito prazer, já enviamos alguns exemplares da nossa revista nº 1. Quanto ao plano de assinatura, este nº traz informações de como fazê-lo, mas se quiserem maiores detalhes no final desta sessão de cartas está o fone de nossa redação.

"Teríamos um imenso prazer em receber vossa revista **Pode crê!** que só viria enriquecer nosso acervo. Enviamos nossa revista "Estudos Afro-asiáticos" sugerindo a possibilidade de um intercâmbio. Se não for possível a permuta gostaríamos de saber como proceder para adquirir a revista". Cordiais saudações.

Ana Senna (Bibliotecária Chefe - Conjunto Universitário Cândido Centro de Estudos Afro-Asiáticos - C.E.A.A Rio de Janeiro RJ).

Estamos gratos em receber a publicação de vocês e com muita satisfação enviamos alguns exemplares da nossa revista de nº 1. E assim como vocês, nós nos interessamos e muito em fazer esse intercâmbio, essa troca de informações e desde já gostaríamos de iniciar a permuta. O Projeto Rappers agradece.

"Diz aí, manos! Tudo beleza por aí na sua cidade? Espero que sim e com saúde e que sua revista progrida a cada dia em prol do nosso movimento. Por aqui vamos sobrevivendo em meio a colarinhos brancos e muita miséria. A finalidade desta carta é para lhe pedir ajuda, pois estou montando um "zine rap" e preciso de alguns endereços e materiais de bandas para dar término ao meu árduo trabalho. Desde já nós agradecemos! Aguardo resposta e valeu pela atenção, até +".

Marcos C. Rossetto, Guará I - Brasília - DF

Marcos, aqui estamos graças a Deus muito bem. Esperamos que com toda esta força de vontade, você e todos sobrevivam, e em principal, através desse nosso movimento Hip Hop, consigam sensibilizar as autoridades dai, de maneira que eles olhem melhor por toda a população carente. Torcemos daqui para o sucesso de seu trabalho e estamos enviando endereços e materiais de bandas e do Projeto Rappers. Muito axé!

Pode crê! errou

"Venho por meio desta apresentar os meus sinceros parabéns a esta revista que tenho certeza dará uma grande contribuição à comunidade negra desse nosso enorme país e principalmente a comunidade paulistana. Desculpe a minha intromissão mas o artigo sobre o lançamento do filme obra-prima de Spike Lee "Malcolm X", cita o ator Denzel Washington como protagonista do filme "Bird", de Clint Eastwood. O nome do filme com que Denzel ganhou o Oscar em 1988 e que também ganhou mais 2 Oscars, é "Glory" ou "Tempos de Glória". Desde já a sua disposição e sem mais para o momento. Um abraço".

Paulo Sérgio de Souza, São Paulo,SP.

A Pode crê! e a Truck's Discos sorteiam para você um Mixer Gemini PMX15

O sorteio será realizado no dia 9 de Outubro, na **Truck's Discos**.
Rua 24 de Maio, 166 - Rua Alta, loja 32.

Para concorrer preencha o cupom e envie para:

PROJETO RAPPERS/SORTEIO
Praça Carlos Gomes, 67 - 5º andar - Cj M
CEP 01501-040 - São Paulo - SP

Nome:.....

Endereço:.....

Nº:.....Apto:.....Bairro:.....

Cidade:.....Estado:.....Fone:.....

Obs.: Só serão válidos os cupons enviados pelo correio para o endereço acima

CLASSIFICADOS

GABUS DISCOS LTDA.

DISCOS, FITAS, AGULHAS, C.D. - FITAS DE VÍDEO

O MAIS COMPLETO CATÁLOGO DO BRASIL

TELEFONE : 36-7470
Rua Quintino Bocaiúva, 84 - Centro - S. Paulo

OUVIDOR DISCOS LTDA

FUNK HOUSE DISCOS P/ BAILE E AFINS

DISCOS, FITAS, AGULHAS, C.D. - FITAS DE VÍDEO

TELEFONE : 36-0859
Rua : São Francisco 71 - CENTRO - SÃO PAULO
(esq. Rua do Ouvidor - prox. praça da Bandeira)

MASTER SOUND DISCOS

DISCOS - CDS - K-7

O MELHOR PREÇO DA CIDADE

ESPECIALIZADA EM DANCE E BLACK MUSIC
FONTE DJ RENATO

RUA SENADOR FEIJÓ Nº 6 - SALA 8
EM CIMA DO MARICALVO

FORNECEDORES

KASKATAS, BULLET, TNT, MA, CHIC SHOW, JWC, ZIMBABWE, STAR RECORD'S

TOGETHER

DISCOS, FITAS, AGULHAS, CD'S E AFINS
FITAS VIRGENS PARA VIDEO

TEMOS RARIDADES EXCLUSIVAS - INDEPENDENTE - SAMBA ROCK - MELODIAS - PAGODES - RAP - TECHNO HOUSE - MPB - FLASH BACK - E AFINS

TRABALHAMOS TAMBÉM POR ENCOMENDAS, É SÓ LIGAR:

ROCK BEAT ☎ 246-5220
MR. BLACK Falar com *Arnaldo*

Av. Adolfo Pinheiro, 1029 - Sto. Amaro - S.P.

---

*M * K * Discos*

A LOJA DOS DJ'S

OS MELHORES LANÇAMENTOS

NACIONAIS - IMPORTADOS
RARIDADES BAILE
MPB - FUNK - SAMBA ROCK
COMPRA - VENDE - TROCA

C / ROBERTO MARIO
RUA JOSÉ BONIFÁCIO, 176 - Lj 9 - FONE: 34-7402

DUZA CABELEIREIRO

Especialista em cortes modernos
Cabelos - Crespos - Black
Caracol-Tintura-Amaciamento
Av. São João, 439 - Loja 10
Grandes Galerias - Centro
Rua 24 de Maio, 62 Loja
Grandes Galerias - Centro

Footloose

DISCOS E FITAS

LOJA:
AV. MAL.FLORIANO PEIXOTO, 40/42 - LOJA 40 - 2º PISO - SANTOS - TEL. 4-6718
DISCOTECA: AV. THIAGO FERREIRA, 311-VIC. CARVALHO - TEL. 62-1315
CLUBE DE PRAIA SÃO PAULO
AV. CASTELO BRANCO - POSTO 4 - PRAIA GRANDE - TEL.91-1213

POSTER SOM - M. E.

Compra - Vendas - Trocas - Discos
Importados e Nacionais

Carlos & Cicero

Rua 24 de Maio, 62 - Loja 28 - Cep 01041 - São Paulo
Av. São João, 439 - Cep 01035 - São Paulo
Grandes Galerias - Phone: 221-5419

ANDRÉA DISCOS

AQUI VOCÊ ENCONTRA TODA LINHA DE DISCOS INDEPENDENTES E NACIONAIS

JWC
KASKATAS
CHOPPAPO
CHIC SHOW
ZIMBABWE
R. BLUES
ETC...

Av. PADRE JOSÉ MARIA, 22 - SANTO AMARO
FONE: 523-3275 - SÃO PAULO

DISCOS
K-7
CD'S
ELETRÔNICOS

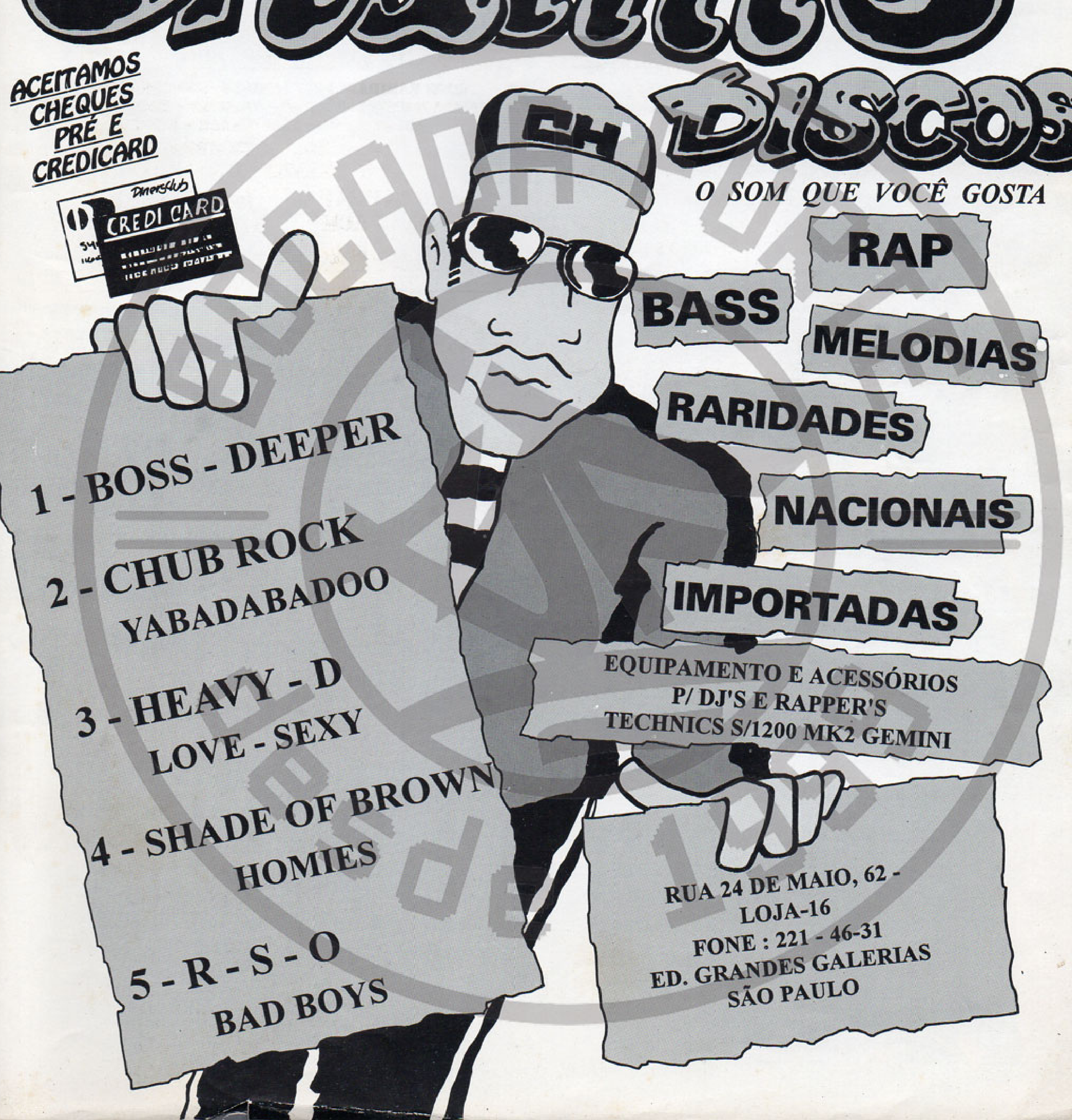
SAMBAROCK DISCOS LTDA

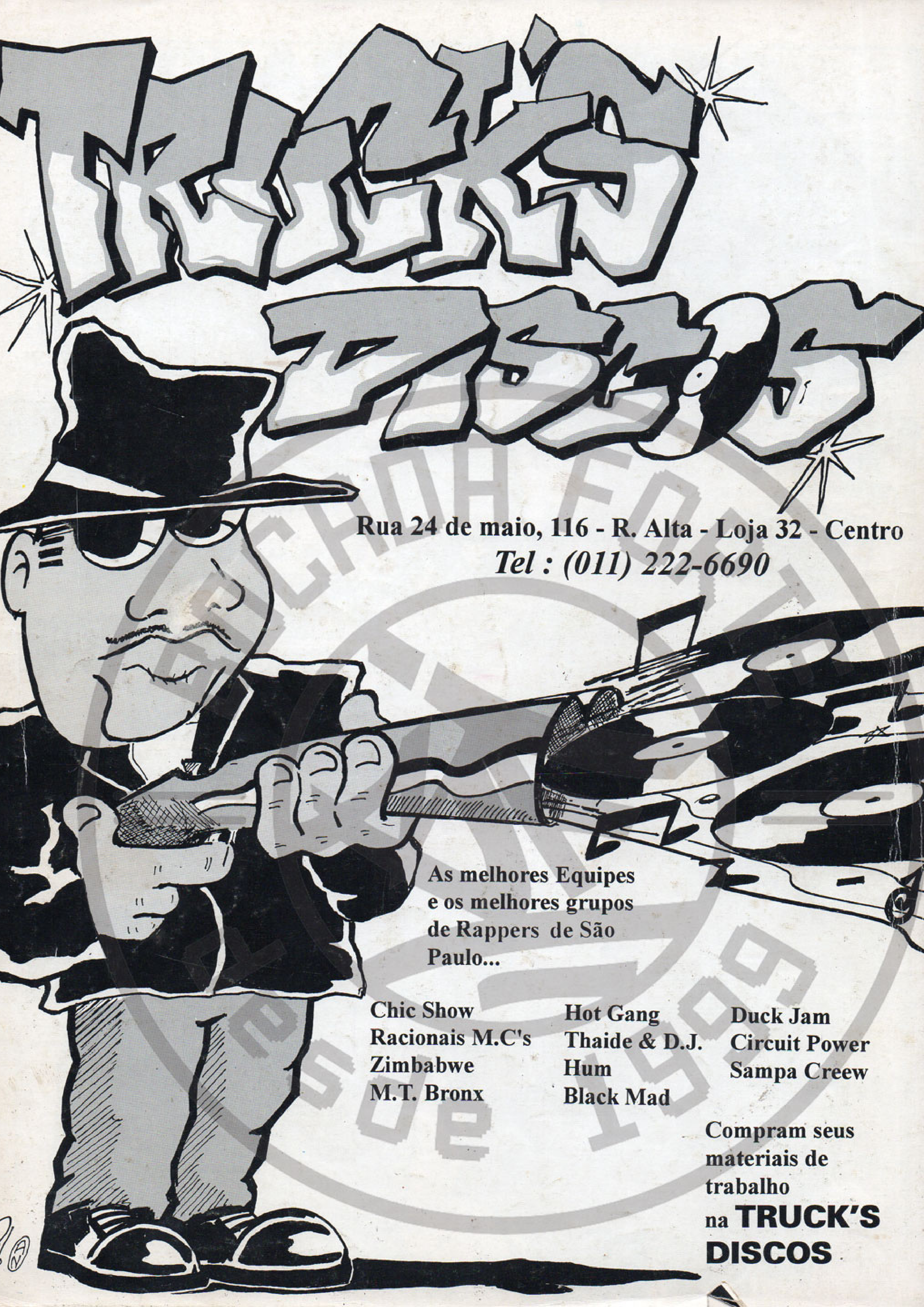
A MAIS COMPLETA DA LAPA
RUA CATÃO, 138 - LAPA - SÃO PAULO

El Gringo's DISCOS

O SOM QUE VOCÊ GOSTA

ACEITAMOS CHEQUES PRÉ E CREDICARD




Rua 24 de maio, 116 - R. Alta - Loja 32 - Centro
Tel : (011) 222-6690
As melhores Equipes e os melhores grupos de Rappers de São Paulo...
Chic Show
Racionais M.C's
Zimbabwe
M.T. Bronx
Hot Gang
Thaide & D.J.
Hum
Black Mad
Duck Jam
Circuit Power
Sampa Creew
Compram seus materiais de trabalho na TRUCK'S DISCOS

Essa é uma iniciativa independente do Portal de Hip Hop Bocada Forte.

Os ítens digitalizados fazem parte do nosso acervo.

Você pode apoiar acessando o site e compartilhando os nossos links, para doações e/ou parcerias fale com a gente nas nossas redes ou no email imprensa@bocadaforte.com.br

Todos os ítens estão disponíveis para leitura e download gratuito.

www.bocadaforte.com.br
Desde 1999 no mesmo endereço
1º Site de Hip Hop da América Latina